



Universidades Lusíada

Azevedo, Ângela Daniela Ferreira

Paisagens construídas

<http://hdl.handle.net/11067/6800>

Metadados

Data de Publicação

2007

Resumo

A paisagem construída e o homem são dois elementos inseparáveis, só existe o primeiro quando o segundo intervém e modifica a paisagem natural. O homem observa, analisa e faz de um palco onde a paisagem construída é o suporte de todas as acções e vivências dos seus principais protagonistas. Ao longo do tempo a paisagem evolui passando por muitos significados perante as civilizações que exploravam a paisagem marcando a História de tal forma, que ainda hoje, chegamos até nós incríveis, paisagens cons...

The built landscape and Man are two inseparable elements, the first only exists when the second intervenes and changes the natural landscape. The Man observes, analyzes and He is part of a scene where the built landscape is the support of all actions and experiences of its main protagonists. Over time the landscape evolves through many meanings to the civilizations, who operated the landscape, scoring the history so today, we reach incredible built landscapes with buildings that mark the ...

Palavras Chave

Arquitetura, Paisagem urbana

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-12-26T08:45:15Z com informação proveniente do Repositório

PAISAGENS CONSTRUÍDAS

Ângela Daniela Ferreira Azevedo



PAISAGENS CONSTRUÍDAS
Ângela Daniela Ferreira Azevedo



06|07

Professora Doutora Graça Correia
Professor Arquitecto João Paulo Rapagão

ARQUITECTURA



AGRADECIMENTOS

Quero dedicar este agradecimento, a todas as pessoas que marcaram o meu percurso académico para a realização desta dissertação.

Destaca-se o meu agradecimento ao orientador, Professor Arquitecto João Paulo Rapagão, pelo o apoio incondicional no decorrer do desenvolvimento da dissertação. Foi muito importante, todo o conhecimento e conselhos transmitidos nas conversas, para atingir os objectivos pretendidos de uma tese.

Agradeço ao Professor Doutor Arquitecto Manuel Diogo e à Professora Doutora Arquitecta Graça Correia pelo contributo na primeira fase do trabalho uma vez que os seus apoios e conhecimentos esclareceram os princípios fundamentais de uma dissertação.

Pelo meu percurso académico e por todos os conhecimentos que adquiri ao longo deste anos, agradeço a todos os professores.

Por todo apoio incondicional em todos os momentos, quero agradecer aos meus pais, irmãs e restante família.

Obrigada.

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Evolução da paisagem	7
3. Paisagem construída	19
3.1 Paisagem construída urbana	24
3.2 A cidade como imagem da paisagem urbana	37
4. Arquitectura na paisagem	47
4.1 Pontos de referência	58
4.2 Relação entre os elementos que compõem a paisagem	66
5. A luz na arquitectura e na paisagem	71
6. O papel do arquitecto na paisagem	79
7. Observar a paisagem	85
8. Analisar a paisagem	95
9. Tipos de paisagem construída	107
9.1 Paisagem portuária	109
9.2 Paisagem industrial	116
9.3 Paisagem de infra estruturas	121
10. Paisagem construída em Portugal	125
11. Conclusão	135
12. Lista de figuras	141
13. Bibliografia	147

RESUMO

A paisagem construída e o Homem são dois elementos inseparáveis, só existe o primeiro quando o segundo intervém e modifica a paisagem natural.

O Homem observa, analisa e faz parte de um palco onde a paisagem construída é o suporte de todas as acções e vivências dos seus principais protagonistas.

Ao longo do tempo a paisagem evolui passando por muitos significados perante as civilizações que exploravam a paisagem marcando a História de tal forma, que ainda hoje, chegam até nós incríveis paisagens construídas com edifícios que marcam as culturas.

Consequentemente, só existe paisagem quando o acto de observar e analisar está presente. Esta acção do Homem é o que caracteriza a paisagem onde não só os actos físicos como a topografia, edifícios, luz, materiais, cores, etc. importam, mas também a interpretação pessoal como sensações e emoções para uma melhor compreensão da cidade, vivências, culturas, história para que o acto final da contemplação se resuma a uma verdade constante.

É importante constatar que é nas diferenças de culturas e tempos que as paisagens construídas ganham forma e força para ultrapassar fronteiras no conhecimento ao longo da história.

A paisagem é algo que nos acompanha sempre e que faz parte de um passado, presente e futuro ao qual o Homem irá transformar segundo os seus objectivos.

ABSTRACT

The built landscape and Man are two inseparable elements, the first only exists when the second intervenes and changes the natural landscape.

The Man observes, analyzes and He is part of a scene where the built landscape is the support of all actions and experiences of its main protagonists. Over time the landscape evolves through many meanings to the civilizations, who operated the landscape, scoring the history so today, we reach incredible built landscapes with buildings that mark the cultures.

Consequently, landscape only exists when the act of observing and analyzing is present. This Man's action is what characterizes the landscape where not only the physical acts as the topography, buildings, light, materials and colors matters, but also the interpretation and personal feelings and emotions to a better understanding of the city, experiences, cultures, history so that the final act of contemplating whether summarize a true constant.

It is important to note that the differences in cultures and times that built landscapes take shape and strength to overcome borders in the knowledge throughout history.

The landscape is something that always accompanies us and that is part of a past, present and future in which the human will transform according to its objectives.

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação de mestrado foi escolhido na consequência de um interesse pela a arquitectura na paisagem da cidade e pela a imagem que resulta dela aos olhos de um espectador.

A arquitectura é a arte de escrever textos sob formas tridimensionais, em que o Homem constrói uma imagem observável na paisagem, contando as histórias da cidade, através de espaços, construções de edifícios e materiais.

O final é um quadro que se resume a uma paisagem construída cheia de pormenores contrastantes e variáveis que acompanham o Homem e sua cultura.

A paisagem construída é um resultado material de processos naturais e sociais que ocorrem numa determinada cidade. Assim a paisagem é constituída por todos os elementos presentes no local, isto é, é uma imagem que resulta da percepção visual que temos do espaço territorial num todo.

É um sistema complexo e dinâmico, onde diferentes factores, como a cultura (sociedade, história, economia, politica), e a natureza (morfologia, clima, luz) interagem e evoluem em conjunto.

A paisagem torna-se um reflexo da forma física da cidade, da constituição progressiva do seu tecido urbano e das relações recíprocas dos elementos desse tecido (ruas, praças, espaços públicos verdes, arquitectura). É uma realidade complexa analisável a diferentes níveis de escala e de vários pontos de vista. Afirmou-se quando apareceu uma crescente urbana, sob forma dispersa traduzindo-se em cidades novas devido aos novos aparecimentos.

O estudo desta realidade, é importante, já que cada vez mais a urbanização está presente nas nossas cidades, onde as formas urbanas conhecem transformações de escala e natureza que as converte mais complexas.

O pretendido é o estudo da realidade com que nos deparamos todos os dias e que evolui dado as circunstâncias que surgem, porque o Homem molda a paisagem quando ocupa e intervém no espaço, resultando numa interacção de Homem/Natureza, logo é importante entender as questões relativas ao ambiente vivo da sociedade e as do ordenamento da paisagem por ele projectada, já que cada uma é particular às condições inerentes na sua realização.

O tema desenvolve-se num contexto sobre paisagens construídas, onde é importante começar por entender a evolução que a paisagem construída esteve sujeita para chegar àquela que conhecemos actualmente.

A paisagem evoluiu continuamente em que os passos eram encadeados por consequências dos anteriores. Surgiu com a natureza, onde o espaço não tinha qualquer alteração pela acção do Homem, logo esses tempos são longínquos e o dos quais restam pouquíssimos espaços que apresentam tais características.

Com as primeiras e pequenas intervenções do Homem surgiu um percurso interminável de momentos importantes da história da paisagem construída, momentos tais como na Pré-história com as primeiras construções megalíticas passando para a paisagem antiga, depois a paisagem da Idade Média, paisagem Moderna, até àquela que conhecemos hoje e que num futuro bem próximo será diferente, porque a paisagem construída é um elemento mutante.

Depois deste estudo, é possível estudar as paisagens construídas da actualidade já que conhecemos as consequências do passado e que marcaram um percurso na imagem actual. A cidade aqui é interpretada como a imagem da paisagem urbana. Através dos elementos que compõe a cidade, a paisagem ganha forma, força e fundamento na percepção do horizonte.

O grande elemento de estudo que se destaca na paisagem é a Arquitectura.

Como refere o Conselho dos Arquitectos da Europa em “Europa e Arquitectura Amanha”:

“ A boa Arquitectura anima ideias nos edifícios, é uma fonte de vida a todas as escalas, da escala do puxador da porta à escala do edifício, da rua, até mesmo à escala de uma paisagem.”

É através dos edifícios, espaços cheios e vazios, espaços verdes, tipos de construção, materiais que torna a arquitectura no elemento fulcral na paisagem.

Com a relação dos elementos a paisagem varia e caracteriza determinada cidade. Obviamente que são os pontos de referencia na paisagem que chama mais atenção do espectador, porque é com estes que a memória reaviva com o despertar dos sentidos em

momentos únicos.

A luz na arquitectura e na paisagem surge como uma chave na transformação e na multiplicação de imagens da mesma perspectiva sobre a cidade. A luz natural e artificial é capaz de mascarar a paisagem com mil e uma facetas com uma variação infinita de cores.

Tudo isto só é possível, se existir observação e análise por parte de um espectador. É com estes actos que a palavra paisagem surge.

Na observação é importante entender o tipo de perspectivas que se pode efectuar sobre uma paisagem complementando com os tipos de visão. Consequentemente a partir desta surge uma análise sensível à cultura, superfícies, transparências, linhas, cores, matérias, que no final formam um conjunto único e inconfundível.

Todos os elementos referidos anteriormente vão-se reflectir num estudo de três tipos de paisagens construídas. O estudo das paisagens complementa o estudo teórico com um estudo prático, o que permite entender as consequências que um projecto arquitectónico, seja ele em grande ou pequena escala pode influenciar na observação do espectador.

Os exemplos escolhidos foram as Paisagem portuária, Paisagem industrial e paisagem de infra-estruturas, porque estas sofrem algum preconceito errado por partes dos espectadores pelo o impacto que causam na paisagem. É importante perceber que todo o tipo de paisagem retrata a cultura que somos hoje, tornando significativa toda a atenção equilibrada. Não é por ser um conjunto de fábricas, uma ponte ou um porto marítimo que merece menos atenção e preocupação. É de realçar que nestas paisagens encontra-se características interessantíssimas e de grande valor, o que sugere medidas de estudo para valorizar essas mesmas paisagens na sua beleza devido às particularidades que possuem.

Neste desenvolvimento, Portugal tal como os restantes países do mundo, enfrentou uma história que contribuiu para as respectivas paisagens construídas. Foram todas a mudanças políticas, económicas que fizeram que o país evoluísse na maioria das vezes de forma lenta e descoordenada em comparação com o resto da Europa. É um país que na actualidade enriquece com as variedades de culturas que permaneceram no passado e que deixaram marcas na paisagem construída. Essas marcas ficaram registadas através de edifícios e de infra estruturas como pontes e estradas.

Assim é preciso ter em conta as reflexões que este tema propõe, porque é tão

importante estudar uma pequena parcela na arquitectura como o desenho que essas pequenas parcelas em conjunto proporcionam, pois é necessário entender a imagem num todo, para nunca descuidar as relações com a envolvente próxima, porque é uma objecto construído pelo o Homem e que dependerá sempre dele numa acção com a natureza ou com o que já é construído por ele em épocas anteriores.

2. EVOLUÇÃO DA PAISAGEM

2. EVOLUÇÃO DA PAISAGEM

Desde sempre a paisagem existe e acompanhou a evolução do Homem, considerando que esta pode ser desde a envolvente natural, tratada. Modificada ou mesmo ainda intocável por qualquer acção. Mas o conceito de envolvente só apareceu no século XVI na Holanda quando acções como a pintura fizeram realçar um enquadramento do que é observável, tornando-se preocupados com acções que antes existiam sem consequências e que a partir desta época passam a ser recordados como pontos fortes, importantes e representativos de determinada sociedade.

A palavra paisagem deriva do latim *pagensis* traduzindo-se por o que vive no campo e do francês *pays*, um território rural concreto, chegando até ao presente como um conceito em que a paisagem representa e qualifica a realidade a que um território está sujeito, transmitindo tudo o que provem de um Espaço e Tempo.

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa:

Paisagem é a “ porção de território que se abrange num lance de olhos; quadro que representa um sítio campestre; aspecto; vista” e paisagista é “ artista que pinta ou descreve a paisagem”

Isto traduz um significado que é observável e actualizado pelas modificações humanas.

Todo o homem é paisagista a partir do momento em que se coloca como observador de uma paisagem construída, pois é capaz de traduzir a interpretação pessoal na descrição de um território que lhe pode ser conhecido, como também desconhecido.

A paisagem é um “objecto” de constantes mutações e espelho da evolução.

Tal como a Convenção Europeia da Paisagem refere, paisagem é “ parte de território, tal como é apreendida pelas populações, cujo o carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e ou humanos.”

Quanto maior for a acção do homem, maior será notória a transformação na paisagem. É com a acção do Homem que se distingue a natureza da paisagem construída,

pois antes da intervenção existe uma paisagem natural onde nada foi alterado.

A transformação, ocupação, criação e exploração dão corpo à paisagem construída que presenciamos todos os dias, existindo uma história que parte de um princípio natural e que chega pela mão do Homem a um fim proposto por este mesmo com intenções e gestos determinantes.

O professor Orlando Ribeiro referiu (frase retirada do livro “Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem” de Leonel Fadigas):

“ O Homem é um agente da fisionomia dos lugares, que a sua presença anima e as suas obras materiais carregam de nova expressão.”



Figura 1: Croácia, Plitvice _ Paisagem natural

A natureza é o conjunto do mundo físico exterior ao Homem ou que por si não é transformado. O que não quer dizer que as intervenções pelo Homem sejam negativas, porque este ao longo dos tempos agiu conforme as necessidades presentes num determinado momento e numa determinada época, que resultaram em paisagens

construídas.

Com os primeiros Homens no nosso planeta apareceram as primeiras interações com a natureza, estas de pouco relevo, mas que de certa maneira marcaram um início de um grande percurso. Com as pequenas intervenções em meios naturais, o Homem desde logo teve influência na modificação no meio em que está inserido.

Na evolução da paisagem construídas, houve épocas determinantes na imagem que projectavam aos olhos do observador.

Épocas tais como, a paisagem da pré-história onde na época 8000 a.C. o Homem Começou por criar abrigo pela necessidade de se fixar, criar acessos, de se sustentar o que desencadeou uma acção de protecção em conjunto o que viria a formar mais tarde os aglomerados de cidade. Neste desenvolvimento as primeiras construções iniciam-se com métodos básicos como a madeira e pedra. A paisagem natural nunca antes alterada pelo o Homem é ocupada pontualmente por pequenas aldeias e por elementos imponentes como as estruturas megalíticas realizadas com grandes pedras monolíticas com objectos religiosos.



Figura 2: Reino Unido, Stonehenge _ Estrutura megalítica

É um início de um grande percurso que a paisagem construída obtém. Parte de uma paisagem que reflecte o surgimento da parâmetros geométricos relacionados com uma evolução dos padrões naturalistas e realistas para um abstraccionismo na representação das

formas, isto é, o Homem parte de uma base que lhe é próxima para concretizar um resultado inovador na época.

Com o desenrolar dos tempos surge a paisagem antiga marcada pela a imagem que a arquitectura antiga projectava na altura. Dentro da arquitectura antiga surgia a arquitectura egípcia e clássica (grega e romana).

Estes núcleos trazem características muito fortes à paisagem, de tal modo que ainda hoje fazem parte do nosso panorama de paisagem construída.

O Egipto entre 4.000 e 30 a.C. é um império que desenvolve uma arquitectura sumptuosa e marcadamente imponente. Os egípcios vêem a arquitectura como demonstração de poder e de profunda devoção à religião, logo reflecte um carácter monumental às construções como templos e pirâmides como exemplos da sua grandiosidade. Estas construções gigantes eram sinónimo de inovação na arquitectura pela sua capacidade de construção em grande escala e organização de espaços com funções específicas. Na comparação destas construções monumentais com as aldeias e cidades que se desenvolviam ao longo do rio Nilo, a paisagem resultava de uma organização, inovação de tal modo que ainda hoje em dia é um mistério entender como eram capazes de transformar a paisagem numa entidade única e reconhecível na história.



Figura 3: Egipto, Pirâmides de Quéops _ Paisagem antiga

A paisagem desértica é ocupada pontualmente por grandes monumentos que sobressaem e rompem a linha do horizonte, que antes da construção não parecia ter fim.

Noutros cantos do mundo a paisagem construída tomava outras proporções com o

passar do tempo.

A arquitectura clássica (grega e romana) encarava o papel principal na ocupação da paisagem onde a harmonia era representada pela construção de pontos proporcionais entre si, ou seja, as proporções dos edifícios eram aritméticas estando relacionadas entre si.



Figura 4: Grécia, Atenas _ Paisagem antiga

No século VII a.C. apareceu os primeiros edifícios gregos que marcaram o início de uma cultura arquitectónica muito importante e que influenciou outras culturas nomeadamente as respectivas paisagens.



Figura 5: Grécia, Atenas, Acrópole _ Paisagem Antiga

As primeiras construções na paisagem de grande importância decorreram na arquitectura com os templos e teatros onde se concentrava os princípios base tais como proporções matemáticas e rigor de dimensões, os edifícios eram construídos em pedra (mármore) com o uso permanente das ordens. O que fazia da paisagem um elemento onde a hierarquia era notória, porque o aspecto exterior sempre foi uma maior preocupação dos gregos.

A paisagem grega era composta por edifícios de carácter monumental que surgiam de forma muito imponente e evidenciada o que tornava fácil identificar os pontos de referência.

A arquitectura romana derivava da grega. Sendo o império romano muito vasto, todas as características desta vertente foram espalhadas pela a Europa, conseqüentemente a paisagem por toda a Europa apresenta uma imagem ligada à paisagem clássica.



Figura 6: Espanha, Barcelona _ Paisagem da Idade Média

O homem evolui, tal como as suas necessidades sobretudo do que pretende para o futuro.

Já na Idade Média, a arquitectura vai adaptar-se às condições sociais da época como resposta, isto é, é uma época de guerras em que existe a necessidade de defesa, logo os edifícios apresentavam-se com uma imagem robusta, forte e com poucas aberturas. A paisagem é compacta e austera.

Com o sucessivo investimento no melhoramento das técnicas construtivas e arrojadas. A paisagem é composta por edifícios que começam a contrapor o que era antes uma necessidade, pois agora apresenta-se mais leve, porque os edifícios também acompanharam esta evolução.

Esta mentalidade de inovação na arquitectura vai acompanhar a paisagem à época Moderna, que se inicia com a Bauhaus no fim da Primeira Grande Guerra Mundial. A arquitectura primava pela funcionalidade, custo reduzido e produção em massa.

A paisagem nesta época já mais preenchida por uma história vasta de ocupação de edifícios no território, tem novos intervenientes que eram caracterizados pelo puro racionalismo funcional mas inovadores em relação à envolvente que o rodeava.



Figura 7: França, Marselha _ Unidades de habitação

Ao mesmo tempo surgiam vertentes que se opunham, pelos os conceitos base. O orgânico defende o oposto do Racionalismo, fazendo com várias vertentes estejam em jogo e não apenas uma como antes acontecia.

Com o seguimento de uma história repleta de imagens fortes, a paisagem contemporânea apresenta-se um espelho de todas as evoluções e diferenças de mentalidades das quais o homem foi maestro.

Desde os primeiros tempos até à actualidade, a paisagem construída relata a história da evolução do território e evolução humana, que ao mesmo tempo estabeleciam uma

relação de cumplicidade e dependência. O homem teve a capacidade de se adaptar, transformando a natureza segundo princípios proposto por ele mesmo.

Na actualidade com o auxílio da tecnologia é possível intervir na paisagem através de processos com grande rapidez fazendo parecer que o passado longínquo foi ontem e não à séculos atrás, tal como o futuro não será nos próximos séculos, mas sim o dia seguinte ao que vivemos hoje.

Este ritmo alucinante a que o Homem se habituou é evidente na paisagem construída. O tempo, espaço, economia, sociedade tornam estas consequências da evolução cada vez mais com frontalidade e expectativa sobre o que virá de um futuro muito próximo.

A expressão “ no meu tempo as coisas eram bem diferentes” é e será cada vez mais utilizada por gerações separadas por pouquíssimos anos, porque esta constante evolução é tão intensa, forte e determinada, que a paisagem acompanha esse ritmo.

Diz o Vittorio Gregotti em “Território da Arquitectura” quando a dinâmica morfologia do território é encarada a uma velocidade maior nos últimos tempos devido à preciosidade do Tempo.

“ Os elementos de transformação no tempo da figura da paisagem vão desde a variação climática e de estação aos sistemas de colonização, da culturalização de fenómenos de retorno do elemento natural (o deserto que enterra a cidade ou o alargamento de grandes espaços territoriais), da guerra de destruição; às modificações políticas, económicas e administrativas mas, de modo mais amplo, às figuras que para além de qualquer intenção, a exploração produtiva cria a partir da intervenção tecnológica transformadora.”

Deste modo, a paisagem construída surgiu no acompanhamento do Homem, a níveis e ritmos diferentes.

A paisagem irá ser palco estudado num futuro pelas as histórias que conta e que resistem como carimbo de intenções sobre os olhares, porque este cenário visual contribui para a formação de culturas locais e representa uma componente fundamental do

património cultural e natural fazendo com que contribua para o bem-estar humano.

Como refere Leonel Fadigas em “ Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem”:

“ As paisagens são entidades em mudança permanente”

3. PAISAGEM CONSTRUÍDA

3. PAISAGEM CONSTRUÍDA

A paisagem construída é a natureza modificada pela a acção do Homem, onde este constrói, requalifica e preserva segundo as necessidades e vontades com os fins por eles propostos.

Como refere Fernando Távora em “Organização do Espaço” :

“ Todo o homem cria formas, todo o homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pelas as circunstâncias, elas criam igualmente circunstancia condicionada é também condicionante.”



Figura 8: Espanha, Barcelona _ Paisagem construída da cidade

Atribui-se à paisagem uma disciplina dedicada apenas aos paisagistas, o que está errado, porque nela apresenta-se imensas realidades como arquitectura, urbanismo, geografia, etc. Apesar de diferentes as realidades, estas complementam-se num grande contexto que tem como fim o melhor aproveitamento de todos os níveis, isto é, cada especialidade como quem realiza como quem observa, “absorve” da paisagem uma maneira que é própria de cada um de actuar e investigar, o que leva logo por consequência também a uma definição e entendimento pessoal da paisagem e a numerosas definições.

Sem a presença do homem, não existe paisagem, sobretudo sem a sua observação, porque a partir do momento em que o homem contempla, seja apenas natureza ou uma cidade torna-se imediatamente paisagem.

Quando actua sobre ela, esta torna-se um “reflexo” do próprio interveniente, pois as paisagens resultam de influências culturais e naturais onde a sua realização é simultaneamente uma construção cultural e uma produção social, onde todos os elementos físicos presentes numa paisagem (edifícios, praças, ruas, árvores, espaços verdes, mobiliário urbano, etc.) transportam a intenção no resultado final observado.

Disse o arquitecto Fernando Távora em “Organização do espaço”:

“ A forma criada pelo o homem é o prolongamento dele – com as suas qualidade e defeitos.”



Figura 9: Escócia, Edimburgo _ Paisagem construída da cidade

Progressivamente, as acções do homem, vão transformando as áreas nunca antes alteradas (naturais) em paisagem, onde as necessidades levaram a uma colonização da paisagem contígua.

Isto leva-nos ao termo “grande paisagem” que corresponde a uma noção de geometria e mesmo de escala variável, isto é, dependendo de cidade e profissionais que

realizam o estudo, adquire diferentes definições.

É importante perceber que a paisagem é um quadro infinito composto por diferentes elementos mas quando numa continuidade por vezes próxima ou longínqua formam e interpretam um conjunto observável aos olhos do Homem.

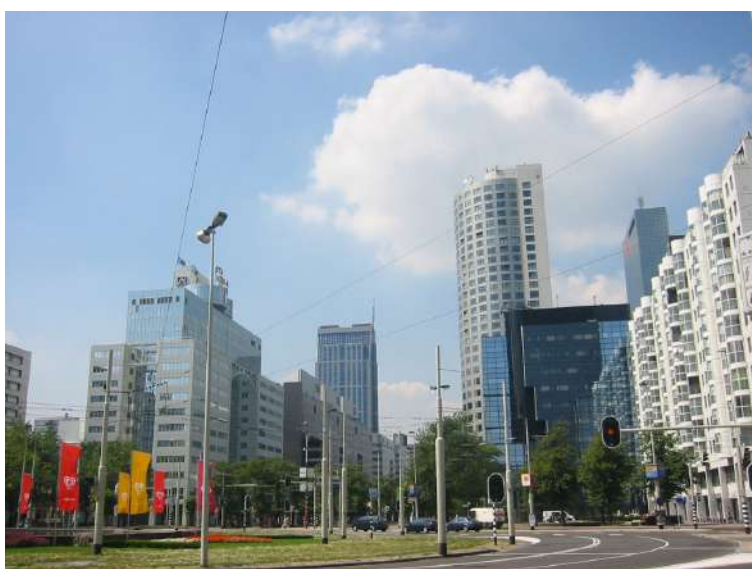


Figura 10: Holanda, Roterdão _ Paisagem construída da cidade

Deste modo a paisagem é uma continuidade no espaço, que é composta por segmentos e sequências e até mesmo de momentos de contraste, que o Homem pode intervir ou mesmo ter a opção de a manter intacta sem alterações. Mas seja qual for a opção, a paisagem mantém sempre uma relação com a envolvente próxima, à qual o espectador não deve passar despercebido para enquadrar a perspectiva.

3.1 PAISAGEM CONSTRUÍDA URBANA

As grandes alterações na paisagem começaram pelo aparecimento dos traçados dos caminhos, acessos e depois pela construção dos primeiros aglomerados que mais tarde se foram desenvolvendo tornando-se em cidades utilizando o desbravamento como progresso. Desde o século XIX que a zona urbana surge com novos elementos na sua imagem, as infra-estruturas – estradas, vias-férreas, canais e auto-estrada – fazendo com que as cidades tenham novas imagens. Assim, o desenvolvimento do transporte tem uma grande importância na paisagem, pois transformam, remodelam as cidades e conseqüentemente a sua imagem. As redes de transporte de linhas-férreas, os suportes eléctricos e as torres de telecomunicações vão ter um impacto na paisagem que por vezes quando não estudado pode contribuir para uma imagem e um panorama não muito tratado nem cuidado.



Figura 11: Estados Unidos da América, Nova Iorque _ Paisagem construída urbana

É necessário um equilíbrio na acção do Homem, para que a civilização não se sobreponha à natureza apesar de tanto um aspecto como o outro constituírem necessidades à humanização.

No presente existe uma grande prioridade em proteger zonas naturais mas também as zonas construídas, isto é, cidades, aldeias, monumentos, porque são áreas que nos dizem muito da nossa história, cultura e desenvolvimento, sendo importantíssimo a protecção desses elementos. Deste modo, é preciso fazer estudos para que o desenvolvimento

aconteça de uma forma contínua e equilibrada e não como acontece em grande parte do território em que existe um crescimento austero das cidades, vilas e aldeias. É preciso sim o desenvolvimento, mas novas construções não é sinónimo de qualidade, é preciso antes de qualquer tipo de construção prever as consequências na paisagem e sobretudo no meio social e económico.

Obviamente que a urbanização nas paisagens não é sinónimo de negatividade sobre o quadro observável ou de rompimento sobre o passado cultural construído. Antes dessa paisagem, provavelmente rica em espaços livres verdes, é agora ocupada por construções muito importantes para o Homem, consequentemente todo o processo de transformação leva a fins que de uma maneira ou de outra são um percurso necessário. O Homem não vive apenas de áreas verdes nem de construções, mas sim de cidades que consigam manter um equilíbrio de necessidades que contribuíssem para a qualidade de uma paisagem construída.



Figura 12: China, Pequim _ paisagem construída da cidade

Logo, se o Homem transformar a paisagem, seja ela natural ou já construída é importante estudar essas alterações, para que os espaços que vemos todos os dias se tornem agradáveis aos olhos do observador.

Na actualidade é muito difícil encontrar paisagens naturais virgens à acção do Homem, podendo dizer que no presente, a maior parte do que observamos é paisagem

construída, onde as alterações são realizadas pelo Homem e não por meio natural, até mesmo os espaços verdes que conhecemos nas grandes cidades são construídos e não naturais de modo a substituir a natureza inexistente.

Em ambas situações – paisagem natural ou paisagem construída – encontram-se vários exemplos dotados de grande beleza, logo tudo o que é construído não é mau, tal como em tudo existe bons e maus exemplos.



Figura 13: Reino Unido, Londres _ paisagem construída da cidade

Conhecemos no presente muitos exemplos de paisagens construídas muito antigas e que rematam uma época e história de tal forma que essas paisagens não as imaginamos de outra forma e tudo nela apesar de ser construído pelo Homem nos parece “natural” e que aquele sítio é assim desde o seu início. Tal como exemplo os canais de água holandeses foram construídos através de lógicas técnicas para a o aparecimento de terreno e hoje em dia os canais passam por “naturais” tornando-se numa referência poética.

Sendo estas paisagens tão importantes, antigas, magníficas no seu significado, logo devem ser preservadas mas não conservadas religiosamente ou de forma estereotipada porque também é importante que o factor tempo deixe a sua marca moderadamente para que a história nos traga até nós, na actualidade, a beleza e o encanto dessa passagem.

Quando o Homem abandona aquilo que constrói ou simplesmente não estima, a paisagem construída volta quase ao estado que parece “natural”, mas não ao seu estado inicial, logo todas as acções ou a falta delas contribuem muito para a aparência das paisagens. Pois se um espaço verde construído pelo Homem for abandonado com o passar do tempo irá tornar-se numa mata que adquire outra imagem que parece “natural” mas que no fundo não o é, porque se torna assim devido à falta de acção do Homem mas também não é completamente natural porque já teve uma intervenção logo, apesar do abandono não torna a ter a imagem inicial.



Figura 14: Reino Unido, Oxford_ Paisagem construída da cidade

Podendo estes casos servirem de estudo para o Homem perceber a evolução dos elementos presentes num espaço verde, isto é, o seu crescimento natural sem qualquer tipo de cuidado.

Com o tempo, a paisagem evolui permanentemente, apesar de só com o passar de bastante tempo se notar essa evolução, isto é, como o Homem acompanha e vê diariamente o que acontece nas transformações, faz com que às vezes pareça invariável ao olhar da vida humana.

O Homem soube adaptar-se às diferentes situações de construção e tirar partido das consequências por estas impostas, assim com o decorrer do tempo as suas acções foram evoluindo para tirar o maior partido possível, já que era uma constante na vida humana, o

que resulta num acto de tornar a paisagem agradável para proporcionar uma melhor qualidade de vida e bem-estar das pessoas que rodeiam, vivem e observam a paisagem construída.

Pois é preciso estar atento às necessidades do estudo para que todas as intervenções realizadas na paisagem tenham consequências positivas, tornando esta num objecto de estudo cada vez mais alterado, tratado e renovado pelo ordenamento e estudo de território imposto pelo Homem.



Figura 15: Bélgica, Bruxelas_ Paisagem construída da cidade

Assim este tenta tirar o maior partido de todas as situações por este criado, tais como ao nível económico, porque o território torna-se num “objecto” valioso de negociação, consumo e sobretudo num elemento de gestão de espaço que organiza as grandes cidades prevendo que tipo de construção, remodelação se pode realizar.

Tudo isto se reflecte na paisagem de um modo muito activo e forte onde as consequências das construções realizadas tomam conta da imagem que transmitem, seja esta positiva ou negativa, porque é como um espelho das acções que o Homem efectua e que é observado por terceiros.

A acção do Homem moldou a paisagem urbana de maneira a atribuir a sua aparência actual que conhecemos onde a crescente urbanização tem um grande papel.

Todas as acções vão-se tornar reconhecíveis, pois o tratamento da topografia, as tipologias arquitectónicas, os materiais, as cores, as texturas vão servir como elementos de identificação e de características muito próprias a cada paisagem urbana construída.

Na observação da paisagem urbana estes elementos não são entendidos como únicos e independentes, isto é, na percepção e entendimento, os elementos formam um conjunto que molda a imagem transmitida, assim, a uma distância, a paisagem da cidade, pertence a uma imagem compacta, mas que ao mesmo tempo é composta por muitas características únicas mas que numa leitura formam uma imagem única também.



Figura 16: Reino Unido, Londres_ Paisagem construída urbana

Esta imagem tridimensional vai proteger na observação uma silhueta da cidade facilmente identificável devido aos elementos chaves enunciados atrás, pois existe sempre partes integrantes da paisagem que se destacam, tendo cada paisagem uma relação distinta de cada local onde é observada, logo a paisagem pode ter imensos rostos, dependendo do observador, local e onde é observado clima, tempo, época, fazendo a relação entre a cidade, perspectiva e observador única e distinta mediante o impacto visual e emocional dessa área, que vai transmitir às pessoas que observam as imagens finais como conclusão: imagens banais, fortes, interessantes, desagradáveis, etc.

A cidade, ao ser observada, de vários pontos vai adquirir características distintas, isto

é, dependendo da luz, topografia e localização do observador a paisagem da cidade pode adquirir diferentes imagens transmitidas. Numa percepção a paisagem pode ter profundidade, relevo, ser entendida a três dimensões em que os vários planos são realmente vistos como independentes e onde os vários espaços que compõem a cidade como as praças, vias, edifícios, espaços verdes ganham forma ou pelo oposto a paisagem pode aplanar como algo que não tem três dimensões e parecer apenas um silhueta recortada que contrasta como fundo, claro ou escuro, tornando a observação mais simples e retratada de forma mais gráfica.



Figura 17: Espanha, Barcelona_ Paisagem construída urbana

A luz que nos acompanha durante a observação da paisagem tem um papel crucial na sua textura, conseqüentemente todo o ambiente climático projecta diferentes sensações e emoções, por exemplo um nascer ou pôr-do-sol numa determinada estação do ano apresenta belíssimos resultados mas diferentes. Logo, por exemplo, se o pôr-do-sol é observado sob diferentes ângulos, vai reflectir nas grandes fachadas em vidro tornando-se

como elemento dominante, e que “ofusca” com uma beleza imensa ou então o pôr-do-sol torna-se um elemento com um papel secundário e que para que a qualquer momento vai explodir, por ocupar as numerosas quadrículas (janelas) dos edifícios.

Tendo um papel crucial, a luz dá os imensos rostos à paisagem urbana e percebe-se esta importância através da paisagem urbana nocturna, porque na falta da luz solar, a imagem e silhueta é “engolida” pelo céu escuro onde apenas a luz da lua nos dá pistas sobre a linha do horizonte.

Obviamente, que na actualidade, a luz artificial vem ajudar a esta situação, logo as iluminações vindas dos edifícios ou nas vias públicas, vão-nos ajudar na leitura desmaterializada da paisagem urbana, tão difícil de identificar e perceber só com ajuda da iluminação natural nocturna. Claro que apesar da luz artificial ajudar-nos na identificação da paisagem, não proporciona a mesma qualidade que a luz natural diurna, porque não permite uma leitura contínua e perceptível dos elementos identificadores com mais destaque e que tornam a paisagem em observações única e distinta de todas as outras.

Assim quando temos uma paisagem onde a luz assume um papel secundário e está visível nos vãos dos edifícios, não é possível o entendimento das formas urbanas e morfologia, logo não permite ver a paisagem em três dimensões onde o relevo e a profundidade da cidade passam despercebidos e são assumidas como uma marca negra. Apesar deste inconveniente, este tipo de situação reclama as nossas atenções para outras características da paisagem urbana, logo ser tão importante se possível no estudo de uma paisagem abranger o maior número de situações e localizações para uma melhor e correcta análise.

Como menciona James Corner em “Landscape Urbanism”:

“Como uma mistura complexa, a paisagem urbana é mais do que uma imagem ou estilo singular: é ethos uma atitude e uma maneira de pensar e agir.”

Mas nessa observação nunca esquecer que não é apenas o que observamos que conta e interessa na análise, pois também os elementos culturais e sociais também são importantíssimos para perceber a origem do que chega até a actualidade na silhueta da paisagem urbana.

Desta maneira devido à localização dos reflexos da cultura e das transformações que

a cidade sofreu, a sua silhueta pode adquirir imensas formas e identidades, como por exemplo, cidade beira-mar, cidade planície, cidade fortificada situada estrategicamente numa região alta e cidade colina. Estas silhuetas apresentam-se com vários fenómenos que as caracteriza devido à sua relação com a envolvente que foi construída pelo Homem, mas sobretudo pela relação física que mantêm com os elementos da natureza como a água, terra, o clima que provavelmente originaram a fixação da vida humana, por vezes tornando-se elemento de expansão ou outras vezes elemento que funcionavam como barreiras físicas.



Figura 18: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ paisagem construída urbana



Figura 19: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ paisagem construída urbana

A paisagem é num todo um produto de imensos factores que contribuem de alguma maneira para que o seu desenvolvimento ocorra de determinada maneira e não de outra. Factores como os naturais: topografia, relevo, clima, rios, etc. e factores humanos como a cultura, sociedade, história, economia são no fundo a base por trás da silhueta da paisagem construída que estimamos para que a actualidade se torne mais uma etapa de história e eventos merecedores de conhecimento no futuro.

Durante o dia esta é bastante fácil de ler-se num todo e até mesmo identificar independentemente os elementos que a compõem, já durante a noite é difícil perceber a silhueta num todo, assim a maior parte das zonas urbanas iluminam bastante bem os elementos de destaque na cidade como por exemplo os monumentos históricos ou equipamentos de grande importância, para que torne interessante a observação.



Figura 20: Holanda, Amesterdão_ Paisagem construída urbana

O observador é capaz de ver mentalmente a silhueta, ou seja, se numa observação nocturna, o observador for capaz de identificar os elementos chave pela importância que a luz artificial trabalhada pela acção humana, ele é capaz de jogos mentais e imaginar o resto da imagem produzida por ele próprio, e aquela área negra que pontualmente é iluminada pelo imobiliário urbano ou pelos vãos dos edifícios, deixa de ser um vazio e passa a ser uma zona rica com jogos criados por aquele que está interessado em compreender.

Nas cidades encontramos sempre elementos chave que se destacam na silhueta, seja na percepção diurna ou noturna, porque são elementos que ajudam a compreender a urbanidade de que estamos presentes e que tornam aquela imagem única e distinta de todas as outras imagens da cidade, mais propriamente paisagem urbana e silhueta que nela está inserida.

Tudo contribui de algum modo para emoldurar a paisagem mas claro que existem elementos mais importantes que outros e um deles é a topografia.

A cidade vai-se adaptando ao lugar natural, fazendo transformações no relevo original de maneira a este responder às suas conveniências.



Figura 21: Reino Unido, Bath_ paisagem construída urbana

O Homem para habitar constrói edifícios, acessos, logo realiza um ordenamento com base na melhor adaptação à realidade natural que encontra, logo, a topografia e as suas condicionantes vão ter um papel muito importante na paisagem construída porque é o elemento que suporta todas as construções e que exprime imposições que por vezes o Homem não consegue efectuar mas que devido à necessidade contorna e sobrevive segundo as condições que a própria natureza dita.

Quando observamos a cidade e os seus limites estamos na presença maioritariamente de envolventes próximas que não são cidade (zonas urbanas) nem aldeias (zonas rurais). É um fenómeno que se desenvolve devido à expansão extra-cidade e devido

aos terrenos mais baratos e provavelmente com melhor qualidade de vida.

O extremo da paisagem urbana é uma área intermédia entre o que é rural e urbano, porque não tem as características de cidade ao nível da população, equipamento por exemplo, mas também não é rural porque é mais desenvolvido e não se dedicam apenas actividades rurais como por exemplo a agricultura.



Figura 22: Grécia, Rhodes_ Paisagem construída urbana

São áreas que necessitam de um estudo multidisciplinar através de um ordenamento de urbanistas, arquitectos e paisagistas para que se expandem e desenvolvem a todos os níveis da melhor maneira e para que sobretudo não sejam encarados como apenas limites da cidade, mas sim como áreas que são de extensão das qualidades e virtudes que uma cidade possui.

Deste modo as cidades e as suas paisagens urbanas, com as alterações do Homem podem progredir de maneira positiva, porque ele pode organizar segundo as suas intenções e fins a cidade e todas as suas envolventes próximas, conhecidas actualmente por zonas com grande potencial para um bom desenvolvimento, mas claro que só se o Homem souber aproveitar as qualidades.

A paisagem urbana só enriquece com o programa pois, sendo esta um reflexo da cidade e de tudo que a compõe como os elementos culturais e físicos, logo deve ser apreciada de imensas maneiras para que realmente tudo seja entendido como um só e que paisagem se torne única e própria, podendo dizer mesmo que quase ganha vida com as emoções e sensações que transmite ao ser observada.

Logo a paisagem urbana, deve ser apreciada, lembrada e contemplada por aquilo que transmite ao espectador.

3.2 A CIDADE COMO IMAGEM DA PAISAGEM URBANA

Francoise Choay disse em “Urbanismo: utopias e realidades uma antologia”:

“ A cidade é o seu horizonte.”

A paisagem urbana tem como elemento na representação uma cidade que com o passar do tempo evolui, transforma-se e renova-se. E é esse o quadro pintado que observamos como espectador que pode ou não fazer parte dessa imagem.



Figura 23: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ Cidade

Observar cidades é agradável seja qual for a situação em que se encontra o objecto animado por pessoas, espaços públicos, edifícios, árvores, onde por tudo o que vive e dá cor a esse cenário representa a paisagem urbana. A cidade é uma obra arquitectónica que se reflecte na construção em grande escala vivida pelo Homem e por uma evolução que nunca parou nem conhece limites.

Tal como refere Vittorio Gregotti em “Território da Arquitectura”:

“As conquistas da arte são, num nível diverso, conquistas de novos pontos de vista da realidade e, neste sentido modificam nossas estruturas perceptivas do mundo que ganharam uma articulação cada vez mais complexa, um quadro cada vez mais amplo.”

Reconhecer a paisagem urbana é muito mais que um simples olhar num quadro e objecto inanimado, pelo contrário, é a capacidade de entender os seus elementos físicos que nos aparece nos planos da cidade através do que a vista consegue alcançar, e ainda é sentir as emoções e sensações mais pessoais que a paisagem transmite, como os sons, cheiros, cultura, para chegar a um ponto de situação em que aquilo que analisamos pode ser muito mais interessante numa perspectiva sobre a cidade do que noutra.

Conscientemente sabemos que ao analisar uma paisagem urbana existem os elementos imóveis (os edifícios, as ruas, os espaços públicos – praças, zonas verdes) que dão o rosto à cidade e que a representam tanto como quando o espectador está presente, como quando se encontra a folhear um livro e vê uma fotografia, mas também sabemos que uma paisagem urbana é muito mais que isso, é uma imagem que é composta por elementos móveis, como as pessoas e as suas actividades que são igualmente importantes como a parte física, porque é esta parte cultural que faz com que cada cidade seja uma imagem que a torna numa paisagem urbana única e distinta de todas as outras.



Figura 24: Holanda, Amesterdão_ Cidade

Numa cidade, facilmente se percebe que certos locais são mais importantes que outros pela relação que estabelece com o próprio cidadão que habita, até mesmo com o observador, pelas memórias e significados que atribuem como características especiais e que tornam o local único e diferente de todos os outros.

A nossa observação não pode ser fragmentada e parcial, tem de ser correcta onde todos os sentidos envolvidos na imagem estão captados para que a paisagem urbana da cidade “y” ou da cidade “x” as torne reconhecidas pelos seus verdadeiros valores.

Esta imagem da cidade não é algo que é apenas observado pelas mais variadas pessoas, mas também é uma soma de variadas construções que são realizadas por determinadas razões significativas à cidade.

Kevin Lynch comentou em a “Imagem da cidade”:

“Uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções criado por muitos, de um modo relativamente rápido...”



Figura 25: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ Cidade

Existe uma constante transformação que pode ser apenas uma pequena alteração de pormenores, com também pode ser uma extrema expansão em novas construções. O que torna possível conhecer a imagem da paisagem do passado e do presente mas nunca do

futuro, porque nunca existe um resultado final, o Homem nunca parou de se desenvolver assim como nas suas necessidades, logo conseqüentemente como reflexo, a paisagem nunca terá uma imagem final mas sim uma sucessão de imagens que contêm um percurso, uma história que chega até nós.

Com clareza, percebemos que a cidade quando observada ganha um significado muito especial que depende da pessoa que realiza esse acto, pois cada um tem uma maneira muito própria de identificar o meio ambiente em que se apresenta a paisagem. Logo, as imagens da paisagem urbana são um resultado natural entre o espectador e a paisagem em questão, pois o espectador estabelece objectivos do que pretende analisar, mais propriamente faz uma selecção e organização do que pretende visualizar tendo em conta a sua localização, luz, distância e sobretudo perspectiva, enquanto que à paisagem cabe o papel de relacionar todos os elementos que lhe pertencem e que lhe dão significado, fazendo com que tudo isto contribua para que a paisagem urbana varie de observador para observador.



Figura 26: Reino Unido, Londres_ Cidade

O próprio acto de observar pode implicar vários modos de entendimento, isto é, um espectador pode apreciar a paisagem pela primeira vez, como pode fazer parte dela e constantemente vê-la como um quadro que o acompanha diariamente implicando

entenderes completamente diferentes da mesma paisagem. Cada um dos modos tem as suas características que se destacam devido à facilidade que persiste na actualidade onde o conhecimento não está apenas limitado ao que conhecemos por estar presente. Hoje o mundo do conhecimento não tem limites, de tal modo, que quando uma pessoa vê uma paisagem pela primeira vez consegue identificar e descrever o que vê, não porque lhe é familiar, mas porque a paisagem urbana apesar de ser diferente de todas as outras vai corresponder a um estereótipo conhecido, de modo a que o observador encontre características que permite fazer correspondência.

Numa cidade, existem sempre elementos que se destacam, criando uma imagem, identidade e estrutura única e forte com características físicas que insinuem ou determinam uma imagem à qual sem informação mais específica o observador é capaz de identificar como paisagem urbana devido ao estereótipo formado das imagens da cidade.



Figura 27: Croácia, Dubrovnik_ Cidade

A arquitectura tem um grande papel neste campo de informação transmitida aos observadores é aqui neste jogo que a imagem pode ser enriquecida tornando-a especial em relação às outras. Cabe aos urbanistas, arquitectos procurar as melhores possibilidades de desenvolvimento de modo a atingir a melhor organização e sobretudo a melhor imagem de uma paisagem urbana, para que a interacção entre a paisagem e observador produza bem-estar.

Claramente já foi identificado que cada paisagem adquire um rosto dependendo da pessoa que observa, mas é possível formar grupos de observadores em classes homogêneas. A probabilidade da imagem de um jovem se parecer com a de outra jovem é bem maior do que a de uma imagem de um idoso, logo se juntarmos grupos por selecção segundo a idade, sexo, cultura, actividades irá notar-se alguma concordância nas imagens das paisagens urbanas próprias de cada um dentro de cada grupo próximo. E são estas imagens que interessam às entidades (arquitectos, urbanistas, etc.) estudar e trabalhar de modo a atingir uma imagem universal que todos os grupos a consigam ler e entender a cidade em estudo. Na realização destes estudos, todas as diferenças individuais serão ultrapassadas e a paisagem urbana, imagem que é recordada será mais forte e concisa que chega a qualquer pessoa e não chega apenas direccionada a uma faixa etária ou nível social, porque contribui para uma união e não uma fragmentação e fraqueza da imagem.

A imagem da cidade pode ser entendida segundo três áreas: identidade, estrutura e significado. Estas áreas aparecem sempre na realidade juntas, logo é importante primeiro imaginá-las num plano abstracto com o intuito de as analisar e perceber para que depois num estudo mais vinculado se torne numa análise realista e ao mesmo tempo correcta.

Numa paisagem urbana, primeiramente existe a necessidade de identificação de algum elemento, pessoa, edifício, árvore, etc. o que vai implicar a sua distinção de outros elementos que se apresentam reconhecidos como entidades separadas. Aqui a entidade refere-se a uma particularidade e individualidade de elementos, objectos na paisagem e não a uma categoria de igualdade e semelhança entre os objectos que compõem o cenário visível, daí que cada cidade tem uma imagem particular e muito própria da paisagem urbana. Seguidamente a paisagem transmite uma relação estrutural e espacial da cidade em estudo ao espectador com objectos, elementos pertencentes ao “quadro” para que o que é observado ganhe escala e se consiga perceber tudo o que está subjacente ao resultado físico perceptível. Por último, quando existe uma observação por parte de alguém é porque existe um interesse de adaptação seja apenas num nível intelectual ou físico, assim a imagem tem de ter um significado e importância quer emocional quer prática para o observador.

Tudo isto contribui para que a paisagem e a sua identidade necessitem de um observador com uma relação espacial para criar uma relação baseada num significado que se traduz num cenário cheio de conhecimento e vivências próprias.

É impossível dissociar as três diferentes áreas, pois elas complementam-se e só existem à custa das outras, pois é necessário uma entidade de análise que assenta numa estrutura e que por consequência resulta num significado e reconhecimento.

O significado de uma paisagem urbana é algo complicado, é algo que se traduz em multiplicidades de questões que implicam nas imensas actividades e suas entidades pertencentes a uma cidade. Sobretudo reflecte-se a um nível mais intelectual/cultural enquanto as outras áreas estão concentradas em elementos mais físicos e mais perceptíveis numa observação.

Numa construção de pequena ou grande escala existe sempre um propósito e um significado por trás do cenário. Os significados de uma paisagem, de uma cidade são variadíssimos tal como a imagem que ela pode traduzir, apenas esta última é mais fácil de entender já que é visível e outra invisível.



Figura 28: Holanda, Amesterdão_ Cidade

A imagem traduzindo-se num aspecto físico tem um valor para a orientação no espaço da cidade, onde se percebe a relação dos seus elementos, possibilitando ao observador reagir a uma leitura por ele imposto. Deve existir sempre uma possibilidade de “manobra” ao interessado, onde o fim pode estar em aberto e adaptável à transformação que o indivíduo propõe dada a situação de análise, isto é, o observador perante uma imagem pode investigar e organizar segundo os seus critérios num plano branco onde este transpõe a

realidade e tem a possibilidade da sua personalidade preencher e estabilizar o resultado final da análise realizada à cidade, sobretudo à sua paisagem urbana.

É interessante prolongar esta análise e discuti-la com outros observadores e identificar os critérios variáveis que situam-se em sistemas económicos, sociais e políticos, já que tudo o que pertence ao nível das vivências vai reflectir-se na imagem, pois quando a cidade antiga requalifica os bens construídos, percebemos que é uma cidade que dá importância à sua cultura histórica enquanto outras cidades privilegiam as novas tecnologias e apresentam-se com construções novas, deste modo tudo se reflecte em modos de vida e sua cultura iminente.

O Homem está sempre acompanhado pela imaginação que se traduz num toque pessoal às intervenções que faz. Todos nós já imaginámos algo, um objecto desconhecido, tentamos prever imaginar futuras imagens por conhecer e mesmo quando as conhecemos temos sempre um espaço branco nessa imagem que tratamos de preencher e tornar essa mesma figura num quadro com personalidade e imaginação misturado com a dose de realidade que vivemos e presenciamos em determinada altura.

Na apreciação de uma paisagem urbana, por mais descritiva e realista das qualidades físicas que estão relacionadas com a imagem, existirá sempre um toque mental que envolve a estrutura e a identidade do que é observado. A imaginação é um elemento que acompanha a análise de uma paisagem, porque ao observar algo, esse objecto físico, tem uma grande probabilidade de evocar imagens mentais em sentido figurado de visibilidade ou legibilidade, onde os objectos se podem, não apenas ver, mas também ser apresentados de uma maneira muito forte e definida aos nossos sentidos, porque estas imagens criadas mentalmente traduzem-se em poderosas estruturas úteis.

Quando esta variável ganha força, a imagem da cidade torna-se menos exacta mas ao mesmo tempo capta em determinados momentos a atenção máxima dos sentidos, o que não quer dizer que seja menos realista, pois pode existir uma correcta leitura. Assim, quando uma paisagem é imaginável, legível e visível, convida ao apurar dos sentidos, onde as emoções por tudo o que é visto dão uma grande informação, o que torna o que é analisável num domínio estético mais simples, mas ao mesmo tempo maior e ainda mais profundo. Esta paisagem pode ser compreendida para além do tempo como um modelo de grande continuidade que as partes distintas presentes são interligadas claramente, num nível estético sem anular a imagem básica e visível.



Figura 29: Reino Unido, Londres_ Cidade

Com estas referências o receptor seria bem orientado e poder-se-ia mover com grande facilidade já que com estas identidades “criadas” por ele se tornam em marcos do espaço.

Este conceito de imaginação não se toma por um elemento físico com limites exactos, mas que por ventura pode adoptar tais características. O que torna uma imagem da paisagem urbana em algo muito mais complexa do que é visível, pois a intelectualidade de cada um está presente.



Figura 30: Espanha, Barcelona_ Cidade

Cada vez mais percebe-se que a relação entre o observado e o observador é um processo de dualidade mútua em que um depende do outro, tanto no acto da construção como apenas na observação da paisagem.

Na paisagem, a cidade é um significado do esforço mais notável na transformação radical do ambiente natural para uma ambiente “estético” onde as transformações a que esteve sujeito indicaram como percurso cultural e diferente de todas as outras imagens conhecidas.

O esforço do Homem por esta transformação, deriva de uma incessante fixação pelo progresso, sobretudo pela demonstração dessa evolução onde a arquitectura é um reflexo de riqueza da inserção na paisagem.

Lynch considera que a na imagem da cidade na elaboração do conceito da figura tem por base a separação entre as ideias de identidade e a estrutura de forma. Onde as primeiras correspondem a um significado intrínseco de cultura que não é visível mas só entendido como algo é transmitido por uma longa identidade muito particular de cada cidade. Já a estrutura de forma é a imagem que qualquer espectador observa e entende como pano de fundo de uma forma tridimensional/bidimensional que pode ser como papel de participante ou apenas de alguém que apenas visualiza pela primeira vez.

Considera que a identidade e forma são dois significados dependentes e que atingem resultado em que um depende do outro, ganhando assim uma imagem reconhecida e única da cidade reflectindo na paisagem.

A paisagem urbana que vemos das nossas cidades na actualidade não apareceram de repente sem uma base, é esse percurso de mudança, renovação, alteração que a enriquece e a torna especial. Cada uma tem uma história que por vezes era contínua, estável e que outras vezes eram retrocessos no tempo e na civilização, mas não é só o bem que contribui para a riqueza de algo, todas as épocas da História são importantíssimas para a imagem e tipo de construção e espaço da cidade, logo tudo influencia tudo, Homem-paisagem, paisagem-Homem.

4. ARQUITECTURA NA PAISAGEM

4. A ARQUITECTURA NA PAISAGEM

A arquitectura como actividade Humana, existe desde que o Homem passou a proteger-se do tempo, surgiu como necessidade de resposta às condições que se encontrava.

Tal como refere o Conselho dos Arquitectos da Europa em “Europa e a Arquitectura amanhã”:

“ A arquitectura ultrapassa a simples construção.”

É uma arte ou técnica de projectar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano, é uma área que envolve o design do ambiente construído pelo Homem, até ao desenho da paisagem (paisagismo), da cidade (urbanismo) até da região (planeamento regional), passando pelo desenho de construções, onde o arquitecto tem o seu grande contributo e tem uma grande importância na qualidade de vida da sociedade.



Figura 31: Escócia, Edinburgo_ Edifício

Neste sentido, a arquitectura trabalha com qualquer problema de ordenamento, organização e estética, mas a arquitectura associa-se normalmente ao problema de organização do Homem no espaço, neste caso do espaço urbano, já que este necessita de

uma maior organização para um melhoramento de condições de vida na relação com o resto da sociedade.

Pode-se declarar como uma actividade multidisciplinar, porque na sua essência contém como base a arte, as ciências, a história, a política, já que é um reflexo do tempo, cultura, economia, que decorre enquanto se desenvolve. Logo é uma actividade complexa mas que se manifesta em dois modos distintos: a arte (actividade como campo de trabalho do arquitecto) e o resultado físico (o conjunto construído de um arquitecto de uma sociedade como um todo).



Figura 32: Reino Unido, Oxford_ Edifício

É complicado dar uma definição precisa de arquitectura na paisagem dada a sua complexidade e multidisciplinaridade, já que passa por constantes mudanças, mas sempre com um objectivo primordial de ordenar e organizar o espaço tanto em pequena e grande escala, por determinada finalidade e visando determinada função que expressa sempre uma arte e construção inerentes.

Podendo-se dizer, a arquitectura de paisagem, é uma extensão da arquitectura abordada de uma forma mais geral/ampla, onde o espaço é entendido não como uma pequena parcela, mas sim como uma grande área onde é preenchido por muitas parcelas, mas sempre entendido como um todo.

A paisagem construída urbana é uma realidade complexa que resulta de uma interacção e evolução de factos, dos quais a arquitectura tem um papel de destaque na sua representação.

O facto da arquitectura ser composta por imensos elementos, estes estão presentes na imagem da paisagem. É na comparação destes elementos que percebemos a escala da cidade e de toda a intervenção e alteração de que o Homem contribui e propôs para obter determinados objectivos.

A arquitectura – edifícios, acessos, espaços públicos e elementos de referência – vai desenhar as “linhas” perceptíveis aos olhos do observador o que faz com que pertença a uma área mais realista de uma análise, mas também existem outros factores que estão incluídos na arquitectura e influenciam muito o desenho final na imagem da paisagem construída. Esses factores influenciados são o significado social, história, função, tudo o que se resume à cultura da sociedade, porque tudo isso influencia o tipo de arquitectura que se realiza e que a torna especial.



Figura 33: Croácia, Pula_ Edifício

Quando falamos em paisagem urbana, a imagem que imediatamente ocorre mentalmente é uma imagem composta por imensos e diferentes edifícios que compõem uma massa compacta e rígida. Assim os edifícios têm uma imagem fortíssima na distinção das várias paisagens existentes o que admite a variação e o reflexo das culturas que

atravessam história e tempo.

Na cidade, os edifícios desenvolvem imensas funções, desde equipamentos, habitação, indústrias, comércio, desenvolvidas em pequena e grande escala, e implantadas de uma maneira organizada segundo um ordenamento de território. Estes pertencem a um volume urbano em que o observador tem conhecimento de duas vertentes: o interior, que tem como função o abrigo e protecção e o exterior que se relaciona com a grande escala – cidade, existindo sempre diferenças de indivíduo para indivíduo.

Os edifícios dão a possibilidade ao observador de os entender fisicamente e mentalmente, são elementos que apesar de se repetirem em função básica numa área da cidade, são sobretudo elementos que podem organizar-se no interior e que por excepção exteriormente pode tornar-se em ponto de referência em relação à cidade.



Figura 34: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ Conjunto de edifícios

Numa análise, as características físicas que os edifícios apresentam esclarecem-se em inúmeras áreas tais como o espaço, forma, tipo de edifício, textura, detalhe, conservação, topografia, etc. É interessante estudar tais características e ver que a paisagem adquire formas soberbas e que para nós é perceptível, numa soma de muitas vivências e qualidades específicas de um determinado local.

As características são reconhecíveis e entendidas como algo que pertence a uma unidade temática de factores visíveis e sentidos, pois numa cidade as sensações ao nível dos sons e olfacto também estabelecem um carácter importante na construção dos edifícios, isto é, se os edifícios para controlar estes factos se abrem à cidade porque as sensações são agradáveis e o permitem, ou se pelo contrário, a cidade é activa o que reforça a vivência do interior do edifício para proteger o excesso de movimento e confusão.

As cidades são compostas por um volume de construção que admite em grande escala variações no tipo de construção feitas, na estrutura, no estado e escala que resulta numa possível homogeneidade ou heterogeneidade nos factos que contribuem na imagem perceptível na comparação ao nível de grande escala.

Aos olhos do receptor, existem paisagens mais fortes e compactas e outras mais suaves e fragmentadas apesar de opostas, o que é necessário, é encontrar imagens poderosas e capazes de captar a atenção e fixar memórias do que realmente é marcante na paisagem construída, pois as pessoas quando vivem diariamente essa paisagem irão ter uma descrição completamente diferente do que a pessoa que observa pela primeira vez. São estas últimas que precisam de elementos fortes para chamar a atenção e guardar a imagem pelas características especiais.

Isto pressupõe, que a linguagem dos edifícios terão de ter características que realcem uma unidade temática numa organização onde tudo é controlado, onde as diferenças estejam apenas como ponto de excepção ou ter uma linguagem em que a excepção se tornará regra onde é mais difícil de perceber hierarquias e escalas que mentalmente não correspondem ao estereótipo de cidade que trazemos como imagem sempre que falamos em cidade e sua paisagem urbana.

Conscientemente sabemos que a cultura que rodeia estas situações também são opostas e tudo o que se relaciona com ela é muito importante no que toca aos conceitos que estão inerentes à base da construção de qualquer edifício. Sabemos que as grandes cidades com grande capacidade monetária e de desenvolvimento, irão encarar a sua arquitectura com grande capacidade de investimento nas construções necessárias para responder a uma imagem que se espera de uma grande potência, uma cidade completamente desenvolvida, em contraposição com uma paisagem urbana de uma cidade ainda em desenvolvimento e que as condições de vida dos seus cidadãos não são as melhores, irão reflectir-se no tipo de

arquitectura que exercem e por consequências a imagem que se irá transmitir não é das melhores.

As diferenças sociais e capacidades económicas da cidade terão um reflexo na arquitectura e na maneira como encaram o seu progresso ou requalificação. Na sua observação é possível encontrar estas diferenças numa só paisagem, como separadas, o que torna interessante este jogo em que os edifícios assumem o reflexo de uma faixa social económica como papel e enriquecem a beleza da paisagem. É fácil identificar os edifícios e as classes sociais, funções que ocupam através da escala, construção, materiais, localização, pois cada um destes factores implicam um nível de interesses e pressupostos que na realização vão contribuir no resultado final na paisagem.



Figura 35: Escócia, Glasgow_ Edifícios

Quando os edifícios encaram formas homogéneas em diferentes áreas, nota-se algumas fronteiras invisíveis, isto é, se numa determinada área existe uma homogeneidade por parte da arquitectura nos elementos de construção, quando esta termina, existirá uma fronteira entre esta área e a outra que se encontra próxima, apesar dessa fronteira limite não estar representado por uma marca, linha física, está incutida na nossa consciência, o que nos ajuda na distinção e leitura dos vários elementos que compõe a paisagem para depois chegar a uma imagem como resultado final. Estas fronteiras podem ser notórias e fortes como por exemplo uma área construída com edifícios numa área próxima de um espaço

verde ou praça pública, esta fronteira entre o que é construído como edifício e espaços verde ou praça é fortíssimo e preciso no que toca a diferenças, já outras fronteiras podem ser suaves, ténues como por exemplo a distinção entre duas áreas de edifícios construídos semelhantes com a função de habitação. Nesta análise por segmentos de áreas, percebe-se a coerência da imagem e do que ela resulta, porque estas fronteiras são o que chamamos normalmente por distinções e que nos permite criar referências na regra ou na excepção. Apesar de numa análise da paisagem nunca as identificarmos como objectivo primordial, temos de considerar que são estas as diferenças e igualdades que reforçam a identidade e constituição do que é observável.



Figura 36: Reino Unido, Oxford_ Edifícios

Contudo, isto acontece quando estamos perante uma paisagem urbana que apresenta uma organização em que se percebe claramente as diferenças, onde um ordenamento do território está como base do que é realizado no âmbito da arquitectura, destacando o que é regra e a excepção.

Importante é reter que os extremos neste factor fronteira não resultam bem, porque o excesso deles tornam a paisagem fragmentada e sem relação, mas também a falta deles prejudica a organização e coerência da paisagem, o que faz com que um meio-termo seja o ideal a seguir como caminho.

Normalmente, nas paisagens urbanas vemos o centro histórico da cidade preenchido

de edifícios que se apresentam com características muito próprias marcadas pela diferença do tempo e história. É sobretudo pela fronteira e diferença da mudança temática que gradualmente vai desaparecendo na proximidade que localizadas.

A paisagem, os edifícios transmitem “histórias” que presenciaram da cultura em que estão inseridos, tornando-se em zonas de referências da cidade, pela diferença e carácter simbólico que adquiriram não só para os cidadãos da cidade, como também pelos observadores que estão de visita ou passagem.

Por vezes a organização de uma cidade é feita de uma maneira inconsciente, mas que corresponde a um estereótipo real que devido às necessidades de desenvolvimento e defesa proporcionaram com carácter de expansão muito característico das cidades e todo esse processo é expressivamente notável nas paisagens que chegaram até nós, umas mais estimadas e protegidas que outras.



Figura 37: Reino Unido, Londres_ Edifícios

Os centros históricos da cidade conhecidos hoje, foram a parte principal e importante no início do aparecimento da cidade e toda a arquitectura foi-se fixando na envolvente próxima. No desenrolar do tempo os edifícios suportavam mudanças ao nível de construção, função, fazendo com que gradualmente adquirissem características diferentes. Hoje, quando vemos estas paisagens urbanas percebemos todo um percurso de sucessivas alterações temáticas que foram variando no tempo, porque também o Homem evolui e a

sua maneira de estar na vida também o acompanhou e os edifícios são os únicos elementos a três dimensões com carácter físico que tem a possibilidade de chegar até nós e contribuir num futuro, para encarar um papel de história e património de uma paisagem construída eterna e evolutiva ao mesmo tempo.

Excepcionalmente algumas das áreas perceptivas na paisagem urbana, são indiferenciadas e iguais a tantas outras ou simplesmente nem reconhecíveis, assim é necessário que essas áreas ganhem formas e sejam menos confusas. Para isso é necessário estudar, essas mesmas áreas mais especificamente para que sejam entendidas e incluídas num final da paisagem e para que a estrutura inerente a cidade ganhe força em tudo construído da cidade. Estas áreas geralmente vivem para o seu interior onde as referências e ligações com a cidade são poucas, tornando-se pouco expressivas e um pouco independentes do resto da estrutura, em contraposição com outras áreas da cidade, em que só fazem sentido existir enquanto “servidores” da estrutura, porque são extremamente ligadas à sua envolvente, daí serem extrovertidas e ligadas a um “mundo” exterior ao seu.

Cabe ao Homem, na análise da paisagem, perceber e entender esta riqueza de variação, onde os edifícios independentemente do carácter habitacional, equipamento, etc. adquire os papéis principais de formas “vivas” e evolutivas que contrastam dentro de limites próximos ou distantes numa temática própria a cada uma.

4.1 PONTOS DE REFERÊNCIA

Estes são associados a edifícios e zonas de destaque, pois implicam determinadas características específicas e diferentes em relação à envolvente próxima. Na paisagem, estes elementos marcantes vão-se relacionar de maneira próxima ou afastada com a cidade em questão, mas mantém nas duas hipóteses um carácter de função constante de símbolo de direcção.



Figura 38: Espanha, Barcelona_ Cidade e pontos de referência

Elementos como torres, cúpulas, edifícios de grande escala relacionam-se com a cidade por uma imposição de grandeza sob outros edifícios, logo na paisagem tem um maior impacto já que existe uma maior visualização destes em relação ao resto, assim estes pelas suas particularidades na paisagem, seja numa perspectiva perto ou afastada, estes têm um maior protagonismo. Também existem pontos de referência locais, ou seja, elementos que marcam mas que apenas em situações de proximidade e não numa paisagem global de uma cidade, estes últimos exemplos são como as árvores, edifícios pequenos, detalhes urbanos sobretudo servem mais para identificação e estrutura ganhando importância quanto maior for o seu significado.

As circunstâncias em que o espectador se encontra interferem na maneira em como observam as realidades, pois cada uma tem interpretações diferentes que dependem

sobretudo do observador e perspectiva deste último, porque cada posição transmite sensações distintas: uma linha-férrea pode ser uma artéria de comunicação para quem a usa, mas também pode ser um limite físico para um peão, porque acaba por separar áreas parecendo um “muro”, logo o mesmo elemento de referência é encarado e visto de maneira diferentes segundo o observador. Mas nas duas hipóteses adquire uma semelhança que é nas duas funcionar como ponto de referência e que se destaca da realidade próxima – envolvente – em que se encontra.

As referências só existem quando se relacionam com uma envolvente à qual são comparadas, pois se não existisse uma cidade, estrutura, envolvente não funcionava como referência mas sim como algo que apenas tem uma importância nula.

Existe sempre uma realidade que acolhe estes elementos de referência que se interligam com bases hierárquicas e com significados na construção e cultura que estão iminentes desde o seu aparecimento. Apesar de se destacarem do resto, estes pontos de referência só fazem sentido quando existe uma relação constante entre a estrutura que a recebe e o próprio objecto.

Começam com a diferenciação na imagem mas terminam numa integração na paisagem, isto é, são diferentes da envolvente mas na observação da paisagem aparecem como elementos que pertencem a um todo, onde a estrutura da paisagem construída e preenchida por imensos elementos que se traduzem numa identidade única e especial.

São elementos físicos, que nos marcam e transportam a informações sobre localização e direcção enquanto observamos uma cidade à distância ou próximos, assim como elementos observáveis e exteriores, estes marcam a imagem pela diferença, originalidade em relação ao resto. Numa observação e leitura realizada por especialistas ou mesmo por simples cidadãos, torna-se muito mais fácil fixar, memorizar e localizar no espaço e tempo estes elementos de referência do que qualquer outro edifício igual a tantos outros já existentes. É através do significado até mesmo o local onde é realizado que estes elementos tomam proporções de importância.

Desde a antiguidade que a arquitectura marca um reflexo da cultura e época em que é exercida e desde as primeiras noções de construção que existem elementos variáveis no tamanho que funcionaram como ponto de referência desde o passado e que chegaram até à actualidade, como por exemplo, os templos das civilizações Astecas, Maias e Egípcias são construções muito antigas e que ainda hoje reconhecidos como símbolos mundiais, devido

à imposição e diferenças da relação que estabelecem com a sua envolvente, logo sempre foram elementos de referência fáceis de distinguir.



Figura 39: Escandinávia, Bergen_ Cidade e pontos de referência

O tipo de construção, formas, materiais marcam o trajecto na sua identificação, são várias as características que contribuem para um resultado final em que a relação com a envolvente, o ponto principal e significado tornem a referência possível. Desde o cenário que acolhe o objecto, ao edifício até à sua construção, tudo é importante hierarquicamente. Contudo o local onde é realizado e inculcido, o elemento de referência é a característica principal, daí na arquitectura é necessário estudar os locais onde se realiza as construções para que cada obra destinar-se apenas para um local – é impossível e descaracterizado fazer-se a mesma construção em vários locais.

A escala e a inovação são os dois modos distintos de agir numa paisagem construída, quando se pretende elementos de referência na cidade. A diferença de escalas é muito usada desde a antiguidade até à actualidade e será sempre um elemento de grande recurso.

Na antiguidade a grande escala representava o poder e ordem na sociedade, razão pela qual, era muito utilizada pelo poder mais alto das ordens sociais e religioso de modo a atingir a organização e submissão, como por exemplo as igrejas, templos, castelos. Agora na actualidade é mais utilizado apenas como uma marcação de poder político, por exemplo os equipamentos públicos como tribunais, câmaras, teatros, etc. adquirem sempre uma escala diferente da sua envolvente como uma marcação de posição de importância sobre os outros.

A inovação vai corresponder a cada época em que é realizado, é uma característica que evolui e que vai responder a uma noção que é diferente em todas as épocas e que se vai destacar pela introdução de novas técnicas no meio de uma envolvente antiga e já construída, porque esta só se destaca pela comparação com outra realidade mais antiga, como por exemplo a introdução de novas construções no centro histórico.



Figura 40: Reino Unido, Londres_ Cidade e pontos de referência

Assim sendo, a escala é um elemento contínuo e intemporal que atravessa as épocas com os mesmos propósitos, a inovação é um elemento que evolui e adquire significado segundo o tempo em que faz parte.

Na grande maioria das cidades encontra-se um ponto de referência em que a grande altura o destaca fazendo com que as paisagens sejam marcadas por esse ponto. Os edifícios com grande importância, são sempre visualizados pelos olhos do espectador, porque o

grande objectivo dessa construção é sobressair e marcar a diferença na cidade e sua paisagem. Por exemplo os edifícios religiosos sempre adoptaram esta maneira de imposição e diferença dos outros, onde pelo menos uma torre da igreja sempre permanece no tipo de construção, com a intenção de impor ordem, respeito mas também tornar a igreja como elemento de destaque na relação espacial que mantém com as proximidades.



Figura 41: China, Muralha _ Pontos de referência

O tipo de construção, materiais, formas sempre estiveram inerentes e dependentes de várias características com a cultura, cidade e localização, fazendo com que ao longo do tempo se tenha gerado em grandes áreas uma certa homogeneidade na arquitectura dentro da própria cidade. Nesta igualdade espacial as excepções ganham força quando intervêm pela diferença de materiais, imagem, forma, construção e até mesmo significado, assim a constituição é também um modo de diferença no contacto da paisagem, já que o observador capta com grande facilidade o que é notório e excepção num meio homogéneo.

Os pontos de referência sempre foram elementos com muita importância e caracterizadores de uma paisagem, através destes e da sua fácil identificação, as paisagens transmitem logo à primeira vista os pontos principais e que sobressaem do volume urbano, onde na maioria das vezes rompendo as linhas que desenham a silhueta suave, linear e constante que separa a imagem de fundo e contrasta.

A linha do horizonte vai marcar estes elementos visíveis e que respondem a um acto

de essência na imagem, pois todos estes elementos são reconhecíveis pela sua referência e importância simbólica e visual na paisagem. Quando a observação da paisagem é efectuada numa relação de afastamento, os pontos de referência desempenham uma função de identidade, onde a base do edifício não é tão importante como o topo, pois é o extremo superior do edifício que vai interferir visualmente na silhueta e na imagem da paisagem construída, porque é este que interfere na leitura visual de uma maneira física com destaque em comparação com a cidade. Já quando a observação é realizada numa relação de proximidade em que os olhos do observador estão numa ligação interna e presente na cidade, o ponto de referência ganha força se for entendido num todo, numa visualização global que inclui o que vai desde a base até ao topo, porque nesta perspectiva tudo importa já que a posição do espectador é de participante e interior àquilo que observa.



Figura 42: Bélgica, Bruxelas_ Cidade e pontos de referência

Apesar destes elementos reflectirem sempre de um modo muito importante na paisagem observável, é o observador e a sua localização que dita o que é importante e notório da referência para o que analisa, mas este nunca retira o significado e importância que o ponto de excepção adquiriu ao longo do tempo.

Quando projectados, os pontos de excepção vão ter propostas diferentes, é claro que um elemento é realizado para marcar a diferença em todas as perspectivas da paisagem, outras são mais modestas mas também importantes para os que vivem na participação do

observador e que marcam orientações e exceções do dia a dia do cidadão que está no “quadro” vivo e evolutivo de uma cultura.



Figura 43: Holanda, Amesterdão_ Cidade e pontos de referência

Toda a paisagem faz parte de um conjunto urbano preenchido por objectos e elementos de três dimensões e que se reflectem numa imagem final onde existe hierarquia, homogeneidade e heterogeneidade. As referências visuais são criadas pelo Homem sempre com um propósito final de destaque sob uma cidade ou área. É fundamental a relação estabelecida entre o ponto de referência e envolvente já que é desta que o observador retira da paisagem as informações que se fixam na memória pela imagem reconhecida. A exceção na regra é sempre mais facilmente de visualizar e memorizar, pelo seu destaque e diferença.

Deste modo, os elementos marcantes variam numa relação próxima ou distante do observador, que são sempre visíveis durante o dia ou a noite, inconfundíveis e reconhecíveis, devido às suas formas, contornos, escalas, construção e materiais, mantendo sempre uma ligação directa com a cidade e cultura em que está presente, porque é através

destes que se marca tempos e pontua percursos que são observados e vividos. Existe sempre um significado e propósito numa base e conceito de desenvolvimento dos “objectos” de referência o que faz com que, quando pensamos em determinada paisagem de uma cidade, lembremo-nos sempre das imagens, das excepções que se fixaram na nossa visualização, porque são essas que nos marcam seja numa versão positiva ou negativa.

4.2 RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS QUE COMPÕEM A PAISAGEM

A paisagem construída é composta por imensos elementos que formam um volume que é observável e analisável numa leitura. É a relação entre os elementos que dão significado aquilo que sentimos quando observamos as mais diversas situações e relações de escalas, materiais, funções.

Como refere Kevin Lynch em “A imagem da Cidade”:

“ A cidade pode ser vista como uma história, um padrão de relações entre grupos humanos, um espaço de produção e de distribuição, um campo de força física, um conjunto de decisões interligadas ou uma arena de conflitos.”

Aqui só interessa quando existe um conjunto de “objectos” que formam uma imagem, tornando o que é observável em algo rico em informação e que visualmente se traduza numa figura representativa da cultura iminente na sociedade em questão.



Figura 44: Grécia, Atenas_ Relação entre elementos

Uma imagem composta apenas por um tipo de elementos, construções é mais “pobre” que uma imagem que vive das diferenças, contraste, igualdade, daí os elementos que compõem a paisagem serem a essência para a relação e formação da paisagem urbana.

As diferenças não estudadas nem bem elaboradas, também podem reflectir-se num mau exemplo e não funcionar bem na imagem da paisagem, isto é, por exemplo um elemento de destaque na paisagem é importante no “retrato” pelas suas características arquitectónicas e pelo modo que particulariza a imagem da cidade, mas apesar disso deve ser estudada na sua elaboração para que o conjunto formado com a envolvente estabeleça uma relação hierárquica bem formada e não uma relação exageradamente oposta. É importante que o conjunto de elementos se complementem e que façam sentido quando os contrastes são estudados e elaborados de modo que a imagem final forme uma relação visualmente “simpática” e com sentido.



Figura 45: Croácia, Dubrovnik_ Relação entre elementos

A estrutura e a identidade são factores muito importantes no entendimento da paisagem. Na identificação dos elementos construídos, percebemos que existe uma base estrutural em segundo plano, que nos faz identificar o conjunto construído. Partindo de uma pequena escala, existe sucessivamente um percurso até à identificação de elementos em grande escala, logo é esta marcação de tempos destes pequenos e grandes elementos que enaltecem a paisagem e a sua relação com o observador.

O entendimento da paisagem provém da ligação contínua e caracterizadora dos elementos que preenchem os mais variados planos, e que visualmente faz o observador entender as diferenças e igualdades constantes na paisagem urbana em questão.

Em alguns casos, inicialmente, no aparecimento dos elementos construídos surgiam livres, sem base de uma estrutura ou sem relação entre os elementos presentes, logo não existia qualquer estudo sobre a sua projecção nem qualquer preocupação e racionalização. Em outras situações, a estrutura existente era apenas posicional, fazendo com que os elementos se encontrassem distanciados com uma localização estudada mas ao mesmo tempo com uma relação desligada, porque não eram estabelecidas ligações directas nem definidas entre os elementos.

Já com uma maior consciência do que era pretendido na paisagem e base de desenvolvimento da cidade, existem casos em que a estrutura apesar de flexível, os elementos já apareciam ligados entre si através da estrutura estudada permitindo ao observador entender essas relações apesar de flexíveis e autónomas perfeitamente capazes de dar alguma estabilidade e hierarquia ao que se seguia ao nível de construção e desenvolvimento de uma localidade. Por último existem casos que são o oposto do que foi referido anteriormente, porque desde o princípio do seu desenvolvimento partiram de uma estrutura fundamentada e rígida, onde os elementos construídos se relacionavam de uma maneira directa e capaz de sustentar as multiplicações das ligações e de todo uma nova construção que iria aparecer num futuro por consequência de desenvolvimento.

Esta estrutura base, reflecte-se na paisagem de uma maneira constante em que se consegue estabelecer as consequências do aparecimento ou a falta dele numa base inicial no desenvolvimento de cidade pois geralmente os elementos que apareceram no início do desenvolvimento da cidade estabelecem uma relação que parte do geral para o particular, ou seja, estes elementos estabelecem uma ligação principal onde tudo o que se cruzava com esta última estavam a um nível mais baixo hierarquicamente, daí isso reflectir na paisagem e no modo do seu aspecto visual.

Consequentemente esta situação está directamente relacionada com uma sequência temporal que explica de certo modo a evolução e intenções da cultura em foram elaboradas.

Actualmente, na paisagem, observamos um conjunto formado por imensas ligações e por imensos elementos construídos, onde a hierarquia e a escala marcam uma presença

insubstituível na leitura, mas que partiram de base estruturais distintas e que foram evoluindo até aos dias de hoje. Algumas dessas estruturas foram a base de um primeiro passo na organização da cidade e que ainda tentamos preservar, ou moldar os dias de hoje tendo sempre como referências os elementos como a cultura e a história.

É importante ver as necessidades que temos na actualidade de modo a obter uma continuidade lógica e sensível a uma cultura passada e presente para que o futuro se mantenha caracterizado por positivas referências da paisagem aos olhos do espectador.

5. A LUZ NA ARQUITECTURA E NA PAISAGEM

5. A LUZ NA ARQUITECTURA E NA PAISAGEM

Elemento que afecta a arquitectura e a paisagem num confronto inquestionável e que acompanha as sensações num estado de limite máximo.

Nos séculos passados a luz era apenas um factor natural que sempre acompanhou a arquitectura, sempre se traduziu num elemento que os arquitectos num espaço e tempo com a evolução das técnicas construtivas, ganhou força chegando a um ponto em que era impossível construir um edifício em que a luz não fosse um ponto-chave de organização do espaço.

Desde sempre na história da paisagem construída, a luz foi um elemento fulcral para a iniciativa de construções.

Na pré-história, com o aparecimento das primeiras construções as paisagens ganharam cores, luzes, sombras nunca antes conhecidas. No tempo da paisagem antiga, como exemplo na arquitectura egípcia, tinham o cuidado de construir segundo regras solares para que numa determinada hora do dia em particular a luz estivesse presente nesse espaço (onde o tumulto do faraó permanecesse). Assim temos uma paisagem que foi concebida segundo a relação com a luz.

Outras culturas encaravam a luz de outra maneira mas também com grande importância.

Mais tarde as técnicas construtivas evoluíam num percurso em que o objectivo primordial era a luz. Os edifícios que eram compactos e com poucas aberturas, transformavam-se em edifícios abertos e dispostos a receber luz. Aqui a luz não é só encarada como elemento físico, mas sim como elemento de misticismo e sobretudo simbologia de algo que é superior à acção Humana e transcendente.

Com o desenvolvimento, a luz deixa de ser um elemento unicamente natural, o Homem devido às suas necessidades cria a luz artificial e esta sim, capa de controlar. O que torna quase impossível na actualidade viver sem luz artificial.

Obviamente as culturas encaram o papel da luz de maneiras diferentes, pois estas adaptam-se às condições do espaço território que se encontram em relação à estrela causadora da luz natural, o Sol.

No planeta existe imensas posições geográficas em relação ao Sol. Assim, por exemplo, um país do Norte da Europa encara a luz muito diferente de um país do Sul do

mesmo continente. Se o próprio elemento natural apresenta-se com condições físicas diferentes nos vários países, logo obtém resultados finais diferentes na arquitectura e na paisagem.

A luz desempenha um papel importantíssimo nas paisagens construídas, tem a capacidade de transformar uma análise e observação de uma determinada área e obter um protagonismo primordial no resultado final da paisagem.



Figura 46: Reino Unido, Londres_ Luz na paisagem

Como elemento tão importante, num estudo, observação é necessário ter um conhecimento sobre o que uma luz natural e artificial causa para perceber as diferentes possibilidades oferecidas pela luz.

Neste campo existe uma divisão em duas partes, uma é ocupada pela luz natural e outra pela luz artificial que o Homem controla.

Luís Angel Domingues, comenta em “Sebentas de Arquitectura”:

“Poucos processos físicos da Natureza têm tanta importância na arquitectura como o fenómeno da luz, capaz de dotar a poesia e misticismo dos diferentes estilos arquitectónicos que sempre encontravam na luz um elemento fundamental de suporte técnico para a sua definição, tanto pela sua ausência como pela sua presença.”

A luz natural chega até nós por meios naturais, onde o sol e a lua transformam as paisagens durante o dia ou a noite respectivamente, o que faz que qualquer intervenção na paisagem como uma construção, plantação de uma árvore terá consequências nos contrastes de luz e sombra na paisagem.



Figura 47: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ Luz na Paisagem

Esta tem a capacidade de iluminar tornando visível qualquer objecto tocado por esta e ainda de projectar sombras sobre a envolvente. A leitura de uma paisagem é compreendida pelo o que é iluminado mas também pelas sombras que desenham novas formas sobre a envolvente, tornando-se indissociáveis das paisagens, porque uma paisagem sem luz natural e sombra parecem intemporais, porque não apresentam qualquer referência

à passagem do tempo.

Se as intensidades da luz solar variam durante o dia, a paisagem acompanha este desenrolar, assim a mesma paisagem tem “novas caras” durante o desenrolar do tempo, porque a percepção das formas, cores, materiais são também diferentes devido à projecção de luz nos elementos da cidade.



Figura 48: Holanda, Amesterdão_ Luz na paisagem diurna



Figura 49: Holanda, Amesterdão_ Luz na paisagem nocturna

Logo, quando se fala em paisagem construída, a luz obviamente participa com extrema importância, já que é esta que nos permite analisar boa ou má qualidade e perceber que a paisagem não é só algo que parece pintado mas que tem vida e sofre alterações e transformações.

A noite presencia uma luz natural (luz lunar) com pouco impacto na possível análise de todos os elementos construídos na paisagem, pelo contrário reforça a escuridão.

Assim, não sendo possível assegurar uma boa leitura da paisagem, a luz artificial, vai passar a ter um desempenho muito importante durante a noite no desenho e entendimento da paisagem.

A luz artificial encara um papel de introdução de formas na noite que antes eram apenas identificados superficialmente com a ajuda de luz lunar.

Este termo é algo recente, mas do qual o Homem soube logo tirar partido das imensas capacidades que este causa na imagem de paisagem construída.



Figura 50: Bélgica, Bruxelas_ Luz na paisagem

Desde uma grande área iluminada, por exemplo um edifício de destaque até a um ponto singular como por exemplo uma iluminação interior de uma janela de um edifício, vão ter impacto diferentes na paisagem, mas ambos visíveis e importantes para o observador entender a forma como o conjunto é construído e composto.

É importante perceber que em cada situação, em cada determinado momento a luz tem sempre um papel importante na paisagem, seja ela um elemento de iluminação diurno que permite ler toda a informação de uma paisagem ou como contraposição, na falta de luz natural surge outro método – luz artificial, também importante na leitura.

Nas *Sebentas de Arquitectura*, Christian Naberg refere:

“ A luz e as coisas pertencem-se mutuamente, e cada lugar tem a sua luz. A luz, as cores e os lugares já podem ser entendidos na sua mútua relação. A fenomenologia das coisas e dos lugares é também fenomenologia da luz.”

A luz fisicamente não tem forma, mas no contacto da paisagem, edifícios até num simples objecto a luz ganha forma, espaço, tornando o básico numa realidade cheia de pormenores usuais interessantes.

Deste modo, nunca se pode observar uma paisagem sem ter em conta a intervenção da luz, já que esta é a grande causadora pelas imensas imagens que uma cidade pode produzir.

6. O PAPEL DO ARQUITECTO NA PAISAGEM CONSTRUÍDA

6. O PAPEL DO ARQUITECTO NA PAISAGEM CONSTRUÍDA

O arquitecto, arquitecta.

Segundo o dicionário de língua portuguesa:

O arquitecto é: *“o que faz o projecto e muitas vezes dirige a construção” e architectar é “dirigir a architectura; edificar; planear; engenhar; fantasiar; idea”r.*

É uma relação impossível de separar.

O arquitecto antes da sua profissão é um Homem que está inserido numa sociedade, política, economia mas o mais importante é estar presente perante um tempo e um espaço que faz das suas acções em atitudes enquadradas em razões para responder a fins necessários de épocas logo apesar de ser tal como os outros mortais, um Homem, este interpreta um modo de vida que deixa marcas na paisagem através da arquitectura.

O engenhar, planear, edificar faz parte de um conjunto de acções que o arquitecto realiza. Acções estas que desde a antiguidade, com os primeiros projectos de edifícios fazem parte do quotidiano.

É verdade, que desde os tempos antigos até à actualidade o arquitecto variou na sua forma de architectar. Por vezes intervinha de formas fortes e de grande impacto perante a paisagem, como também o oposto, onde fazia tudo para inserir a arquitectura de forma significativa mas com uma arquitectura inserida e pertencente envolvente seja ela construída ou natural.

Durante a história o arquitecto variou a modo de a arquitectura mas nunca variou a profissão que manteve na história uma grande importância. Através dos arquitectos foi possível escrever os textos das histórias nos edifícios e que permaneceram ao longo da história e que chega até a actualidade como a forma que presenciou e marcou determinada época que vivia segundo ideias culturais diferentes.

Na antiguidade (arquitetura egípcia, grega e romana) o arquitecto iniciou a profissão com grandes intervenções na paisagem. Neste tempo e espaço o arquitecto tinha um papel importantíssimo de traduzir um auge de culturas em edifícios.

O poder político era traduzido em edifícios de grande escala e marcantes na paisagem.

Na Idade Média, a cultura e religião ocupou o protagonismo. O arquitecto que atravessava estes ideais em que a religião e a necessidade de defesa aumentava, projectava edifícios segundo estes princípios. Os edifícios religiosos cada vez mais com impacto para demonstrar a devoção na religião e as construções defensivas e robustas para a protecção.

Os tempos vão passando e as mentalidades desenvolvem-se, o arquitecto antes muito ligado ao poder político e conservador no que toca a princípios culturais, começa um percurso onde intervêm com autonomia e com liberdade de responder segundo convicções interpretativas de tudo o que os rodeia. Passa a interpretar um papel que já era importante na sociedade, mas que reage aos tempos com vontades pessoais. Muitas das vezes essas vontades decorriam de acordo com o percurso que a sociedade desenvolvia como as guerras, industrialização mas como também o arquitecto reagia de forma oposta e contrariava esses princípios. Aqui a liberdade da profissão do arquitecto não era apenas fazer tudo, mas sim estar numa posição em que podia colaborar ou criticar a sociedade em que estava inserido através das suas obras.

Na época-moderna, os arquitectos possuem uma liberdade na realização das suas obras. Aqui aparecem várias vertentes que respondem à cultura de maneira diferente, mas sempre preocupados em melhorar a paisagem construída.

Na actualidade o arquitecto é uma profissão com grande história e que intervém fortemente na história da paisagem construída. Aquilo que vemos hoje é um produto do esforço que os arquitectos lutaram para que o que observamos diariamente – a imagem – não fosse apenas um resultado de várias somas, mas sim um final de significados, conceitos e intenções que estão muito para além daquilo que é apenas observado.

Vittorio Gregotti refere em “Território de Arquitectura”:

“A arquitectura responde a certos critérios económicos, move-se e move certas dimensões tecnológicas, modifica a paisagem, etc. mas organizar estas relações é algo completamente diferente da sua simples soma, é o significado que resulta de seu processo de formação, é colocar-se dentro da tradição da arquitectura como disciplina com novo gesto de comunicação e com uma nova vontade de transformar a história.”

É nesta vontade de transformar a história através de um gesto de comunicação que o arquitecto se encontra. É com a arquitectura que o arquitecto tem a possibilidade de

introduzir esta arte cada vez mais rica, na paisagem.

A arquitectura que é forma observável, chega a uma imagem final através dos conceitos do arquitecto. O quadro arquitectural não tem os traços de forma sorteado, tudo tem um percurso de execução por determinadas razões, sendo o arquitecto a pessoa responsável de dar forma à teoria.

A actividade arquitectura decorre num longo percurso de transformações na paisagem construída.

Deste modo, arquitecto é a personalidade que intervém de modo mais directo na paisagem construída. Por uma história interminável de acções que contribuíram para que hoje esta profissão, se possa considerar mais um modo de estar na vida. O arquitecto tem a possibilidade de fazer crescer uma imagem que idealiza com fins, sejam eles funcionais ou estéticos, para introduzir numa paisagem com uma história e com uma envolvente de modo a enriquecer aos olhos de um observador

7. OBSERVAR A PAISAGEM

7. OBSERVAR A PAISAGEM

A forma como observamos e compreendemos uma paisagem foi-se alterando no decorrer do tempo, pois se é entendida de forma diferente segundo o observador, ainda é mais distinta quando existem observadores separados no tempo, porque a maneira como é observada a cidade por uma pessoa na actualidade é diferente da observação feita à mesma cidade há cem anos atrás. Tudo na paisagem, o que a compõe sofreu alterações, evoluiu pois as necessidades e vontades mudam tornando uma realidade que é observada e alterada ao longo do tempo.



Figura 51: Espanha, Barcelona _ Paisagem

Ignasi de Sola Morales escreve em “Território”:

“Se hoje experimentamos a cidade como uma paisagem, podemos atribui-la unicamente a um modo de ver, sinal que esta marca de ver tem uma relação com a nossa experiência de vida.”

As vontades e as necessidades conseqüentemente arrastam uma adaptação de modos de representação para atingir os fins a que se propõe nas distintas gerações, por exemplo a geração de setenta anos atrás tinha um conhecimento mais restrito devido à comunicação

enquanto a geração actual tem uma vasta possibilidade de conhecimentos pela fácil capacidade de meios comunicativos como a Internet, logo estas gerações pelas realidades a que estão sujeitas (cultura, época, história, etc) vão entender distintamente a maneira de ver uma paisagem. Esta última também altera-se, seja através de novas intervenções, requalificações ou conservação do existente.

A paisagem não só se refere apenas a um espaço geográfico, mas também a um reflexo do meio em que está incluída, que se vai alterando ao longo do tempo. Através das diferenças marcadas pela passagem do tempo, a paisagem ganha uma riqueza e beleza nas referências.



Figura 52: Escócia, Loch Ness_ Paisagem

Ao observar a paisagem, a noção do espaço varia da escala a que está sujeita esta acção. Pode-se observar algo com grande escala onde se tem a percepção de um todo onde as pequenas secções não têm muita importância, ou então, só se tem a noção de pequenas partes da paisagem, sobretudo porque em cada situação existe características particulares como, linhas de força que sobressaem de maneira diferente e que são vão acrescentando aos diferentes tipos de observação.

Abordar o tema paisagem é falar obrigatoriamente da sua observação, já que sem esta não existia, por isso é importante falar do olhar e olhares que envolvem códigos visuais que correspondem a características próprias da cultura e sociedade.

O olhar é um elemento indissociável da paisagem o que torna importante entender o que este proporciona na percepção da imagem do espaço que contemplamos, porque qualquer paisagem está inserida num espaço visual.

O nosso olhar é móvel, podendo alcançar distintas observações, onde o espaço alcançável pelo olhar é muito maior que o campo visual que constitui apenas a porção do espaço abarcado pela visão. É uma condição física que nos permite um enorme entendimento da paisagem, devido aos ângulos de vista dependendo sempre da abertura ou fecho do espaço visual.

A paisagem descobre-se no seu todo, na sua globalidade, mas depois perceptível por secções sucessivas e interligadas, onde num conjunto formam a paisagem global, estabelecendo uma hierarquização de visões onde primeiro partem do geral para o particular. O que nos leva a esta leitura é a perspectiva e suas linhas de fuga, luz e linhas de força.



Figura 53: Croácia, Dubrovnik_ Paisagem

A simples comparação da dimensão dos objectos semelhantes tais como edifícios, informa-nos da sua distância. Aqui a arquitectura desempenha um papel importantíssimo, já que é o elemento de destaque sobretudo na informação de leitura.

Na contemplação atenta da paisagem construída vê-se vários elementos de referência, os edifícios de pequena e grande escala, os espaços verdes, árvores, acessos, praças, e é nas diferenças destes que se proporcionam o entendimento.

Ter um elemento de tamanho conhecido por exemplo uma árvore ou uma pessoa, dá-nos indicações do afastamento e escala. Assim estes elementos estão presentes nos diversos planos de profundidade que uma paisagem contém, onde o que vemos em primeiro plano é o que se encontra mais próximo e o plano de fundo é o oposto, tendo entre estes os planos intermédios.

Além de variação destes elementos, ainda varia o mais importante na observação, que é o olhar próprio de cada espectador, altura, movimento, se está imóvel a observar ou a percorrer determinado percurso. Pois é distinta a percepção de um objecto que se encontra em área aberta ou num enquadramento.

Na observação encontramos três tipos de visão perspectivas para qualificar uma paisagem:

- Paisagem fechada;
- Paisagem semiaberta;
- Paisagem aberta.



Figura 54: Bélgica, Bruxelas_ Paisagem Fechada



Figura 55: Holanda, Amesterdão_ Paisagem semiaberta



Figura 56: Itália, Milão_ Paisagem aberta

A questão do enquadramento é importantíssima na observação que automaticamente está ligado ao “mundo” que lhe é exterior e que o reflecte como preocupação na realização de ordenamento paisagístico.

Existindo uma aliança fortíssima entre paisagem e enquadramento existem vários tipos de visão que transmitem a maneira de compreender o objecto observado.

As possíveis visões são:

- Visão lateral (exemplo: o observador está numa janela de um veículo em movimento);



Figura 57: Holanda, Amesterdão_ Visão lateral

- Visão lenta e aberta (exemplo: o observador está num percurso pedonal);



Figura 58: China, Beijing and Xian Octobe_ Visão Lenta e aberta

- Visão rápida em movimento (exemplo: o observador tem pouca percepção da paisagem);



Figura 59: Grécia, Rhodes_ Visão rápida em movimento

- Visão imensa (exemplo: o observador encontra-se num local alto, onde tem grande percepção);



Figura 60: Reino Unido, Bath_ Visão Imensa

- Visão panorâmica (exemplo: o observador não está limitado no espaço)



Figura 61: Croácia, Dubrovnik_ Visão Panorâmica

O modo da relação que o observador tem com a paisagem, difere pelas mais variadas de distintas razões, onde se desenvolve uma realidade complexa de visão com a perspectiva, enquadramento, proximidades e distância de imagens – planos são dependentes sobretudo da situação de quem se encontra a assistir – plano, local e tempo.

8. ANÁLISE DA PAISAGEM

8. ANALISAR A PAISAGEM

A análise da paisagem é muito mais do que um simples olhar. Implica uma consciência do que é observado e um entendimento sensível às questões mais importantes e identificadores e caracterizadores desse local único.

Stephe Reckert mencionava em “Imaginário da Cidade”:

“Focar a cidade da perspectiva do presente implica situá-la num contexto simultaneamente espacial e temporal: o de um organismo vivo a funcionar no continuum espaço-tempo do seu sítio próprio e entre os seus próprios passados e futuros”,



Figura 62: Grécia, Rhodes_ Paisagem

Torna assim numa necessidade inicial entender os tempos e espaço como a grande base do estudo seguinte a fazer numa análise.

Num plano de ordenamento, o perímetro de reflexo é distinto do referente ao estudo operacional, e ao realizar esse estudo é necessário ter em conta a escala para fazer uma correcta análise.

Já mencionado atrás, a paisagem varia segundo o observador, segundo a pessoa que

olha e ainda segundo condições físicas em que se encontra. Assim cada pessoa tem uma maneira diferente de contemplar e a analisar a paisagem, por exemplo, num observador comum a sua análise é frequentemente mais intuitiva, por outro lado um arquitecto analisa a paisagem diferente de um geógrafo porque cada um tem leituras e informações mas importantes segundo a sua área.

Quando existe uma análise mais técnica e descritiva da paisagem deve-se primeiro sobretudo ter uma leitura inicial mais sensível às sensações que a contemplação nos proporciona e só depois passar a ponto mais “profissional” da análise. Tudo isto contribui para descobrir os vários elementos chave na análise da paisagem.

Na análise da paisagem, temos a percepção de uma realidade complexa onde a multiplicidade de visões possíveis é uma constatação de variadíssimos factos.

Deve-se multiplicar os pontos de observação de modo a obter globalmente a imagem da paisagem em estudo. Se o observador captar mais informações de várias perspectivas, a paisagem será entendida de uma forma global, porque se o observador apenas se restringir a um único tipo de observação e a uma perspectiva unidireccional torna-se numa análise pouco concreta, básica e parcial. As várias visões só enriquecem o entendimento não só na forma mais intuitiva mas como também na forma mais técnica.

Numa análise deve-se estudar estes pontos-chave para a compreensão da paisagem.

1. Cultura

A cultura numa análise é mais intuitiva e sensível às características não físicas, mas que contribuem com uma extrema importância para o desenvolvimento na história da paisagem até à imagem final que podemos observar no presente.

2. Planos

Numa leitura percebe-se que existem diferentes planos que compõem a paisagem:

- Plano próximo (primeiro plano);



Figura 63: Espanha, Barcelona_ Plano Próximo

- Plano intermédio;



Figura 64: Espanha, Barcelona_ Plano Intermédio

- Plano de fundo.



Figura 65: Espanha, Barcelona _ Plano de fundo

O plano de fundo, o mais distante, é o plano que contém a linha do horizonte sendo o mais fácil de ler através da linha de separação entre o céu e a terra ou o mar. Nesta leitura os contrastes de luz e sombra com detalhes permitem uma compreensão capaz de enaltecer as características que desenham a paisagem.

Existindo uma observação dos diferentes planos sucessivos, conseqüentemente, existe profundidade onde também é importante analisar, porque elementos como o relevo, matérias e formas compõem o quadro no enriquecimento da imagem e na intersecção dos elementos naturais e elementos construídos.

3. Linhas

Os acessos tais como as vias de circulação, linhas-férreas, linhas de água, são elementos que podem adquirir formas sinuosas, direitas, contínuas, acidentadas e que de alguma maneira funcionam como elementos da divisão já que formam malhas, redes nas cidades, podendo dizer que em certas circunstancias são elos de ligação ou barreiras físicas entre espaços.

As vias de circulação têm um impacto na paisagem, porque a sua posição é determinante para a separação e entendimento de diferentes áreas.



Figura 66: Reino Unido, Bath_ Linhas

As linhas verticais e sinuosas são as mais fáceis de compreender já que têm um impacto maior, já as linhas horizontais são mais difíceis de ler, sendo então preciso assinalar estas últimas com os diferentes relevos para depois ter em conta as diferenças de escala destes elementos construídos na paisagem, de modo a verificar se é apenas mais um elemento da paisagem ou então se é o elemento de destaque para o desenrolar da paisagem, ou seja, se é o elemento que desencadeia todo o processo de desenvolvimento.

4. Superfícies

As linhas são elementos divisórios de área e os espaços que se encontram entre elas são as superfícies. Quando se analisa estas últimas há uma necessidade primária de estudar os seus limites onde seguidamente o estudo prolonga-se nas formas no solo em volume e no que as compõem, como as cores e a sua posição na paisagem e suas interações visuais.



Figura 67: Reino Unido, Bath_ Superfícies

5. Transparências

Nem todos os elementos da paisagem têm as mesmas características físicas onde a transparência e a opacidade se evidenciam, pois desempenham um papel importante na sua composição da paisagem.

Na observação encontram-se variadíssimos elementos opacos e transparentes, por exemplo, existem edifícios completamente opacos que formam volume e outros em que a

sua presença funde directamente com a envolvente próxima. É destas diferenças que surge a riqueza e multiplicidade de situações que tornam cada paisagem única.



Figura 68: Holanda, Amesterdão_ Transparências

6. Pontos singulares

Ao contemplar a paisagem identificamos na maior parte das vezes elementos de destaque, que se identificam pela diferença em relação ao resto.



Figura 69: Reino Unido, Londres_ Pontos singulares

Os edifícios, construções, monumentos, árvores, linhas de água, relevo, são elementos e pontos de focalização. É o impacto, a sua posição, escala, formas, cores que destacam a nossa percepção e que nos adverte para as distintas situações que é possível encontrar na contemplação da paisagem.

7. Topografia

A paisagem é composta por de sinais mais legíveis como o relevo, os declives, as curvas de nível, a presença das linhas e a justaposição dos pontos mais baixos e mais altos.

A hierarquia dos elementos presentes tem a sua importância, é segundo essa hierarquia que se começa por analisar as curvas de nível, os diferentes acidentes do relevo, os declives passando depois pela análise e compreensão da morfologia da paisagem.



Figura 70: Escócia, Edinburg_ Topografia

8. Matérias, cores e sombras

Todos os elementos referidos anteriormente (planos, linhas, superfícies, transparências, pontos singulares e topografia) são compostos por materiais, cores e sombras, daí a importância da sua análise na medida em que contribuem de uma maneira importante para a imagem final e o impacto que proporciona, chegando ao limite em que o observador poderá questionar-se de como seria a paisagem sem o determinado objecto,

elemento ou construção, ou em oposto como seria se existisse a multiplicação desse mesmo elemento.

São muito importantes as sensações e emoções que transmitem, porque podemos dizer que as condições físicas como luz, tempo, clima, são condicionantes importantíssimos à contemplação.

É necessário fazer uma análise a diferentes tempos para tirar o maior partido do que a mesma imagem pode proporcionar na evolução dos relevos, das cores, dos contrastes de luz e sombra. Podendo dizer que a mesma paisagem pode ter imensos rostos devido a estas últimas referências.



Figura 71: Estados Unidos da América_ Matérias cores e sombras

A análise diurna difere em muitas características da análise noturna, podendo dizer que nesta última o elemento mais importante para a sua compreensão é mesmo a luz. Aqui a luz, é imprescindível das características e elementos chave que são referidos anteriormente.

Existem dois métodos de análise, onde o primeiro é, quando a primeira surge com o cair e final do dia, em que a noite vai surgindo lentamente e onde o jogo de luz, sombras, contraste fixam-se por pouco tempo, mas num expoente máximo de “rostos” da cidade e o

segundo é quando a noite está instalada há bastante tempo.

Tudo isto torna interessante a observação da paisagem nocturna, não só pelas sensações que transmitem mas também pelo facto de a observação atenta nos permite ver imensos rostos em apenas questão de minutos, quando a luz tem o papel principal do acto.

Estas maneiras diferentes de analisar, tornam-se também em diferentes vantagens. No primeiro método o cair progressivo da noite permite guardar visualmente a paisagem diurna onde a percepção das matérias, formas são privilegiadas porque se sobrepõem sobre à análise nocturna. Já no segundo método, o descobrir da paisagem nocturna, a noite escura, onde a visão tem mais dificuldade de interpretar, porque os pontos-chave são mais difíceis de ver (planos, linhas, topografia, pontos singulares) mas em contrapartida a imaginação ganha força e sentido e a análise mais intuitiva e sensorial adquire uma extrema importância.

No primeiro método, no cair progressivo da noite, “conciliamos” as duas análises, a diurna e nocturna. No início a análise diurna porque temos a percepção das formas, matérias, planos do elemento chave e depois a análise nocturna, porque o elemento luz artificial é introduzido na paisagem. Vemos a luz arquitectural (dos edifícios) e a iluminação pública (que ajuda no entendimento dos acessos, vias públicas).

Apenas numas horas ganhamos uma imensidão de informação.

Existindo possibilidade de efectuar os dois métodos de análise, deveria começar-se pelo segundo, quando a noite já está instalada, porque é uma análise mais intuitiva, só se consegue realizar esta quando a análise mais técnica e conhecedora dos factos ainda não foi realizada. Se assim for possível, esta utilização de sequência, preserva o máximo possível a parte mais subjectiva e interpretativa e sensorial de uma análise, para que depois a parte mais realista e técnica tenha no conteúdo um carácter mais pessoal e humano. Nunca devendo uma sobrepor-se sobre a outra, pois apesar de muito diferentes, têm as duas muita importância.

9. TIPOS DE PAISAGEM CONSTRUÍDA

9. TIPOS DE PAISAGEM

Nas mais possibilidades de escolha de tipos de paisagem, destacaram-se a paisagem portuária, paisagem industrial e paisagem de infra-estruturas para corresponder numa complementação ao estudo do trabalho de projecto prático no ano decorrente.

9.1 PAISAGEM PORTUÁRIA

Desde sempre o Homem manteve uma grande relação com o mar, já que constantemente este elemento natural presenciou o desenvolver da vida humana, em que grande parte das vezes contribui para isso. Na história o Homem serviu-se do mar para descobrir novas terras, novas culturas, tornando-se uma “via” de transporte nas descobertas e desde sempre um meio de sustento para os povos que viviam em localidades litorais.



Figura 72: Porto Marítimo_ Paisagem Portuária

Com esta importância, o Homem teve a necessidade de ajustar partes destas zonas marítimas litorais para criar pontos onde a troca, o comércio e o transporte eram fins propostos em que o mar era a via, onde os barcos (meios de transporte) iriam assumir o papel crucial num meio natural instável.

O porto marítimo vai tentar domar este meio para responder às necessidades de uma maneira controlada e possível ao Homem realizar as funções que pretende. Logo, a paisagem que vai resultar desta é uma paisagem marítima onde o mar assume sempre o primeiro plano de importância, onde é alterada e construída pelo Homem.

Visto que é um meio natural muito difícil de controlar, as construções realizadas vão tornar a paisagem portuária numa área onde a construção forte está presente, fazendo com que a imagem reflecta um carácter industrial devido aos materiais utilizados como o metal, a alvenaria dos muros onde a geometria dos planos que controlam as águas.



Figura 73: Porto Marítimo_ Paisagem Portuária

É fascinante que esta paisagem traduza uma realidade complexa, em que o Homem por momentos numa determinada área consiga controlar um elemento tão forte como o mar, daí que ao longo dos tempos com a ajuda das tecnologias conseguiu aperfeiçoar-se fazendo com que este tipo de paisagem “mítica” e que de certo modo nos leve a pensar que com a construção ideal e materiais, talvez consigamos sempre melhor a paisagem e tornar este espaço de transporte, comércio ou troca em espaços belíssimos e de vida.

A análise deste tipo de paisagem realiza-se através dos parâmetros:

1. Cultura

Esta paisagem surge em meios desenvolvidos e que tenham a capacidade de receber grandes estruturas de construção. Numa área capaz de ter acessos quer pelo o mar, quer pela terra (linhas férreas e ruas) com uma rede de transportes bem desenvolvida, para fazer chegar a outras cidades e áreas o que é pretendido.

O meio económico e sociológico que recebe estas infra-estruturas, geralmente são bem desenvolvidos para rentabilizar ao máximo a capacidade de um porto marítimo e projecta-lo não só ao nível nacional, mas também ao nível mundial pela a importância que terá ao nível estratégico.

2. Planos

Na paisagem portuária, há a facilidade de distinguir os vários planos, porque o mar é um elemento primordial que ajuda na leitura e distinção entre os variados planos.

3. Linhas

Ao observarmos esta paisagem encontramos sempre linhas fortes e que se destacam numa organização lógica da área. A primeira obviamente é a linha do horizonte num estado infinito e não descoberto que o mar tem a capacidade de transmitir em que o céu parece tocar o mar mesmo lá no infinito tranquilo, calmo. As outras linhas com destaque, já são um resultado do Homem que construiu para permitir um controlo sobre o mar e possibilitar as acções idealizadas.

Aqui refere-se à linha horizontal que separa o mar da terra, é uma marca muito forte e representada pelo muro do cais, que no fundo estabelece uma fronteira entre o natural e o construído.

As linhas verticais também são uma constante nesta paisagem, porque esta é preenchida com elementos verticais (gruas) muito fortes e que sobressaem na silhueta.



Figura 74: Porto Marítimo_ Linhas

4. Superfícies

As superfícies nesta paisagem têm um carácter funcional muito próprio, porque os espaços entre os acessos são ocupados pelos elementos móveis. Os contentores e as gruas são elementos que nunca permanecem no mesmo sítio por muito tempo, o que faz com que o quadro que é composto pelas superfícies nunca permaneça num estado homogéneo.

Esta paisagem nunca é monótona nem elaborada para se manter constante, o que a torna especial em relação às grandes maiorias das paisagens que nos deparamos, logo esta torna-se tão especial pela particularidade de nunca ser igual.



Figura 75: Porto Marítimo_ Superfícies

5. Transparências

Na paisagem portuária os contentores e guias são elementos opostos nesta característica.

As guias apesar da sua grande escala é um elemento que cria um menor impacto que a opacidade dos imensos contentores amontoados.

6. Pontos singulares

Nesta observação vamos deparar comos elementos que caracterizam estas paisagens, pelas suas particularidades. Esses elementos são os contentores, os barcos, cais, guias, pontes metálicas, armazéns, pontes giratórias que destacam-se pela constituição, materiais e cores.



Figura 76: Porto Marítimo_ Ponto singulares, matérias cores e sombras

7. Topografia

As paisagens portuárias são muitas das vezes um prolongamento na zona litoral da paisagem urbana, porque geralmente localizam-se em locais urbanos, em que a cidade opta devido às necessidades transformar parte do contacto que mantém com o mar, num porto marítimo.



Figura 77: Porto Marítimo_ Paisagem portuária

8. Matérias, cores e sombras

A luz artificial nesta paisagem adquiriu sempre um papel muito importante, já que há vários séculos que as actividades marítimas necessitavam de sinalização marítima para a ajuda das tarefas, logo este espaço tem presente imensas formas de luz quer seja a iluminar à noite quer seja para a segurança.

Isto faz com que as paisagens portuárias se tornem jogos de reflexo de luz onde a natureza e o que o Homem construiu, intersectam-se e resultam numa belíssima composição de cores em que a luz tem um poder de transformar e libertar

horizontes belíssimos.

O mar e o céu ao nível natural participam como espelhos de grande complementação, fazendo com que as faixas de luz mudem várias vezes durante o dia e noite, onde o mar reflecte o céu, o sol e a lua, geram uma gama de cores impressionantes, porque o mar difunde a luz do dia ou noite, podendo o observador visualizar todas estas condições mediante as mais variadas posições do sol e lua e condições atmosféricas.

Num porto marítimo, ao nível de actividades, pouco existe de diferenças entre a noite e o dia, o que faz com que também durante a noite esta paisagem é diferente em relação às outras, porque é tão viva durante o dia como noite enquanto outras parecem “dormir”.

Para isso a luz artificial está presente com uma grande força para orientar e iluminar as actividades que se realizam. Os elementos construídos como as gruas, armazéns, guindastes, etc. vão adquirir uma iluminação para funcionamento e como se encontram junto à água, esta vai reflectir, tornando-se num multiplicar de efeitos luminosos belíssimos e encantadores de um espaço que por oposição às águas do mar e devido às construções feitas pelo Homem são muito mais calmas, logo possíveis de controlar os reflexos luminosos.

Apesar de terem como funções de actividades onde as máquinas e o metal dominam a imagem, as paisagens portuárias possuem um belíssimo e encantador quadro que intersectam o mar, o céu ou a luz.

Onde os elementos construídos organizados de maneira equilibrada resultam em grande maioria das vezes em espaços vivos e de enorme apreciação do espectador pelas suas variadas e distintas imagens produzidas pela mobilidade dos elementos que compõem a paisagem, seja na presença do dia ou da noite.

9.2 PAISAGEM INDUSTRIAL

A indústria surgiu como actividade do Homem utilizada em grande escala. O Homem com o desenvolvimento teve a necessidade de desenvolver as técnicas de produzir de tal modo que a produção em massa se tornou num fim a que se propuseram. Surgiram então fortes mudanças nas paisagens, porque o modo de viver das pessoas e os métodos de trabalho alterou completamente.



Figura 78: Indústria_ Paisagem industrial

A intenção de produzir rapidamente fez com que fosse precisa mão-de-obra para trabalhar nesta nova actividade económica, logo a população pobre abandonou os campos e zonas consideradas mais rurais para ir viver nas novas cidades industriais onde havia mais empregos e melhores salários, em contrapartida este aumento drástico alguma das vezes não proporcionavam as melhores qualidades de vida aos cidadãos.

Toda esta mudança de estilos de vida social e económico reflectiu-se num novo surgimento de paisagem: a industrial. Esta para além de se caracterizar pelo fumo, barulho e grandes fábricas locais de trabalho, também caracterizava-se pelo aparecimento das “cidades novas” que se localizavam junto às fábricas e eram num tipo de construção barata e muito rápida, o que fazia com que famílias inteiras vivessem em pequenos espaços sem

condições de vida.

Isto foi o início do aparecimento da paisagem industrial e que marcou muito a imagem das cidades, de tal modo que ainda em algumas áreas das cidades actuais se mantêm.

Na actualidade esta imagem de paisagem industrial evoluiu com o desenvolvimento das tecnologias, e com um estudo elaborado e preciso já é possível a presença da indústria e ao mesmo tempo uma melhor qualidade de vida dos cidadãos que trabalham e fazem parte do quadro onde se insere a paisagem.

Existe agora uma preocupação em organizar estes tipos de construções para que a paisagem industrial transponha os preconceitos, porque esta paisagem é tão “rica” como todas as outras e capaz de marcar a paisagem com uma silhueta muito própria e ao mesmo tempo muito interessante.



Figura 79: Indústria_ Paisagem industrial

As paisagens industriais são marcadas na actualidade pela forte densidade de edifícios fabris, armazéns, redes de transporte, instalações de transformações que num conjunto e numa relação contínua formam às vezes de uma forma involuntária, uma beleza resultante do confronto entre o mundo industrial e o lugar natural, que consequentemente advém das diferenças entre o que é imposto pelo Homem, as formas rígidas e materiais e o mundo natural, as formas orgânicas.

Na actualidade a indústria preocupa-se com a imagem que produz na paisagem e tenta controlar para que o impacto se torne uma imagem aos olhos do espectador única no sentido positivo, utilizando todo o tipo de recurso para que isso seja facilmente visível.

A análise deste tipo de paisagem realiza-se através dos parâmetros:

1. Cultura

Este tipo de paisagem é uma imagem que se repete muitas vezes aos olhos do espectador, porque em cada cidade há uma área industrial que se desenvolve dentro de uma ordenamento de território.

Desde a pequena à grande cidade, a indústria desenvolve-se dentro da capacidade que a própria cidade tem de gerir.

2. Planos

Os distintos planos da paisagem industrial serão facilmente reconhecíveis pela diferença entre a arquitectura que está presente nesta paisagem e a que está no resto da cidade.

3. Linhas

Nas paisagens industriais há um desequilíbrio entre as linhas horizontais e as linhas verticais. Porque as linhas verticais das chaminés, gruas, torres têm um grande impacto no desenho da silhueta ao contrário da horizontalidade dos armazéns, fábricas

4. Superfícies

As superfícies desta paisagem, estão associadas a uma imagem compacta e forte pela robustez dos edifícios, porque a grande escala de intervenção destas áreas é notória na comparação com a imagem tradicional da restante envolvente.

5. Transparências

Nesta paisagem este termo pouco existe ou é mesmo inexistente, porque sendo uma imagem compacta, um carácter funcional como a industria, as transparências passam muito despercebidas na paisagem.

6. Pontos singulares

As particularidades marcam a diferença e o mesmo acontece na paisagem industrial, porque nesta imagem existe um tipo de construção devido às funções que exerce esta actividade.

Destaca-se aqui os contornos de edifícios fabris, armazéns, as tão reconhecidas e grandes chaminés, os materiais metálicos, betão e as mais diversas cores.

7. Topografia

A indústria desenvolve-se em locais estratégicos de fácil acesso. A ligação entre local – edifício – função tem ser óbvia e coerente ao ordenamento de território que cada cidade desenvolve.



Figura 80: Indústria_ Paisagem industrial

8. Matérias, cores e sombras

É importante manter uma imagem positiva diurna e nocturna, para que a paisagem industrial se mantenha num nível positivo nas mais variadas possibilidades.

Os protagonismos irão ser diferentes em cada situação, pois durante o dia, os elementos construídos em maior escala adquirem um maior impacto na paisagem, através das formas horizontais e verticais, materiais metálicos, a diferenças de escalas entre os vários elementos como as gigantes, chaminés, os fumos, vapores (se existentes) e os

elementos estruturais transformam-se incrivelmente conforme a luz do sol, horas e estação do ano. Já à noite os papéis principais são transferidos para a iluminação artificial, que dão novas caras e propõe uma maior atenção aos sentidos para imaginar o que está por trás do plano escuro.

Os preconceitos devem ficar de parte e analisar, observar a paisagem industrial, já que esta paisagem pretende melhorar o quadro e a memória que observadores pontuais ou habituais trazem como bagagem.

9.3 PAISAGEM DE INFRA-ESTRUTURAS

O desenvolvimento proporcionou uma nova introdução de elementos nas paisagens, reforçando a imagem de que o Homem cada vez mais altera o que já existe e propõe novas situações para o melhoramento da vida humana.

Estas acções vão-se infiltrando muitas vezes para responder a fins em paisagens urbanas e formando um conjunto denso e completo. Isto, renova a imagem já existente da paisagem em questão, logo a paisagem de infra-estruturas está ligada minimamente a um avanço na urbanização.



Figura 81: Reino Unido, Londres_ Paisagem de infra-estruturas

As infra-estruturas como as ruas, vias-férreas, as estradas, vias rápidas e auto-estradas, implicaram uma nova maneira de agir o que se reflectiu na paisagem. Estes elementos foram-se adaptando à época e necessidades de mobilidade, trazendo por arrasto formas e dimensões como, túneis, pontes, viadutos e ainda transformações na paisagem como aterros, modelações de terra, taludes, desmontes, rompimentos para a implantação de elementos construídos.

Consequentemente, estas intervenções tornarem-se mais agradáveis visualmente aos observadores, utilizaram-se nestas paisagens elementos que proporcionassem um certo

ambiente natural para contrapor e equilibrar os elementos construídos com elementos naturais como árvores, plantações, relvados, sebes de arbustos ainda que introduzidos pela mão humana.

Cada vez mais tal como todas as paisagens construídas pelo Homem, as paisagens de infra-estrutura reflectem um cuidado na integração dos elementos em relação à envolvente próxima, para que o impacto na paisagem se traduza em algo positivo, logo os especialistas neste tipo de elementos não só se preocupam, com a função que irá exercer no meio da sociedade, mas também com a imagem que resultará dos enquadramentos e perspectivas na cidade e do observador respectivamente.



Figura 82: Holanda, Roterdão_ Paisagem de infra-estruturas

As formas, materiais, localizações, são muito importantes para que a paisagem “final” resulte. São elementos muito utilizados pelos cidadãos e que pela sua função aparecem em muitas partes de uma cidade, podendo estar isolados ou não, o que implica um cuidado na paisagem.

A análise deste tipo de paisagem realiza-se através dos parâmetros:

1. Cultura

Ao contrário das paisagens anteriores, a paisagem de infra estruturas, não está a ligada maioritariamente um tipo de cidade ou sociedade, porque em todos os locais, cidades, vilas e aldeias existe infra-estruturas desenvolvidas obviamente à escala da sociedade que usufrui.

2. Planos

Numa leitura dos planos que compõe a paisagem, as infra-estruturas servem de apoio no seu entendimento, na medida em que alguns casos serviram até mesmo de “ligação” entre eles.

3. Linhas

Nesta paisagem, sobressai as linhas horizontais, já que a maior parte das infra-estruturas assumem essa orientação.

4. Superfícies

As superfícies são os elementos que estão na envolvente das infra-estruturas. Mas são muito importantes, porque as infra-estruturas só se destacam se existir um termo de comparação neste caso a envolvente.

5. Transparências

Nesta situação é muito importante ver quais das infra-estruturas está presente na paisagem, porque dependendo do elemento que estiver presente, a transparência pode ou não fazer parte da imagem.

6. Pontos singulares

As infra-estruturas serão sempre consideradas elementos de diferenciação na paisagem em análise.

7. Topografia

As paisagens de infra-estrutura, provavelmente são as paisagens que maior impacto cria ao nível das barreiras físicas, um observador apercebe-se que por exemplo uma linha-

férrea num centro de uma cidade, se for exterior é capaz de a dividir em duas áreas, assim tal como a introdução de uma via rápida.



Figura 83: Holanda_ Paisagem de infra-estruturas

É por esta razão que estas paisagens se encontram nos centros das cidades através de túneis para não impedir a relação de continuidade que uma cidade tem ou então quando se realizem estas paisagens a infra-estruturas na maioria das vezes situam-se numa proximidade quase exterior à cidade para o seu impacto tomar relevos mais suaves ao observador.

8. Matérias cores e sombras

Os elementos construídos durante o dia têm uma presença obviamente diferente que durante a noite mas ambas sempre muito presentes.

Durante o dia as formas, materiais e cores têm um maior destaque porque contrastam com a paisagem urbana que os rodeia, já que são elementos construídos que pela sua forma, projectam sombras e contrastes fazem sobressair as infra-estruturas. Durante a noite dependendo do elemento, as luzes ganham força devido às funções propostas pelas construções, isto é, numa estrada a necessidade de iluminação é muito maior pela segurança dos condutores do que propriamente uma linha-férrea que é apenas iluminada nas proximidades das estações ferroviárias.

10. PAISAGEM CONSTRUÍDA EM PORTUGAL

10. PAISAGEM CONSTRUÍDA EM PORTUGAL

A paisagem em Portugal é igualmente como nos restantes países, um reflexo da cultura, sociedade e economia, logo todos os movimentos culturais e esteticistas vão caracterizar a História da paisagem construída. Este caminho resultou num legado patrimonial riquíssimo e que chega até nos como valor de uma cultura que em tempos fez parte dos grandes países ao nível mundial e que passou por muitas épocas carismáticas e que caracterizam o Portugal de hoje.

Portugal que conhecemos actualmente, não manteve sempre as mesmas fronteiras que conhecemos actualmente.

Nos princípios, em 10000 a.C., a região que é ocupada por Portugal actualmente, era habitada por povos autóctones, mais conhecidos por Iberos e Tartessos. Mais tarde no século VII a.C., a região começou por ser ocupada por um povo indo-europeu, como os lusitanos, galaicos, célticos, etc.

Estes povos foram os iniciadores de um longo caminho de transformação a paisagem. Interviram de forma muito pontuada com as primeiras aldeias devido às necessidades de protecção e civilização.



Figura 84: Portugal, Reguengos de Monsaraz_ Cromeleque de Xarez

As pequenas aldeias eram preenchidas por abrigos muito frágeis e sem organização.

A paisagem era ocupada assim por elementos com carácter simbólico, porque prevalecia a religião.

Os elementos eram: antas ou dólmenes, grutas, cromeleques e menires.

Seguidamente outros povos tinham a iniciativa de ocupação de outros territórios, o que aconteceu com a civilização Romana, onde queriam alcançar um grande império de territórios, um deles era a Península Ibérica. Os Romanos no século III a.C. ocuparam a região com interesses territoriais e económicos e com eles trouxeram um importante legado cultural para o país, como a língua (Latim) e ideais arquitectónicos, pois com eles surgiram novas cidades.

Aqui a paisagem é transformada em imagens organizadas porque a arquitectura Romana implicava ordem e equilíbrio, logo as cidades desenvolviam-se segundo modelos da colonização Romana. As cidades cresciam de forma organizada com inúmeros edifícios públicos, estradas pavimentadas o que facilitava os transportes, a comunicação entre os vários pontos do país e do império.

Com as condições do território português, a paisagem combina influências helenísticas e mediterrâneas, com protagonismo romano que lhes advém da organização militar e aliadas às normas vitruvianas, que são contemporâneas da romanização em Portugal.

Bruno Zevi em “Saber ver a Arquitectura” refere:

“Fundamentalmente a arquitectura humana exprime uma afirmação de autoridade, é o símbolo que domina a multidão dos cidadãos e anuncia que o império (existe) e é potência e razão de toda a vida. A escala da arquitectura romana é a escala desse mito, depois dessa realidade, dessa nostalgia, não é e não quer ser a escala do Homem.”

A civilização romana tinha como princípios deixar a sua marca de poder sobre outras culturas e a arquitectura que realizou em Portugal, deixou transbordar na paisagem uma imagem de poder e soberania.

Os exemplos mais conhecidos em Portugal Conímbriga e as pontes, das quais ainda

restam algumas construções.



Figura 85: Portugal, Conímbriga_ Ruínas de um templo

Eram épocas de conquistas, em que as civilizações tais como suevos, visigodos (povos bárbaros) faziam tudo pelo poder político e afirmação perante outras civilizações e tudo isto foi marcado na paisagem pela transição de modos de estar na vida daqueles que ocupavam a região (actualmente Portugal).

Continuadamente, a região sofreu com a invasão Muçulmana em 717 após a queda do Império Romano do Ocidente. Esta nova ocupação permaneceu por mais de cinco séculos e alterou costumes, a cultura, a sociedade e a paisagem foi um elemento notório dessas alterações, porque após os tempos desgastantes da guerra, a paisagem é novamente organizada e uniforme. Os palácios e as Mesquitas estavam presentes nas principais vilas e cidades. Eram elementos que a arquitectura desta cultura impunha na paisagem. Mas actualmente pouco destes tempos restam, porque com a reconquista de Portugal, foi quase tudo destruído, restando apenas na actualidade a Mesquita de Mértola (hoje templo cristão) e alguma arquitectura militar como parte do Castelo de Santa Maria da Feira e S.Jorge em Lisboa.

Desde o século VII ao X, a Península Ibérica ao nível cultural transbordava de múltiplas influências culturais e artísticas. Todas elas tentavam permanecer e sobressair perante as outras que disputavam o maior poder. A paisagem começa a ser preenchida com várias realidades – povos bárbaros, romanos e muçulmanos. Situação que se prolongou ao

longo dos séculos e que com o nascimento de Portugal, em 1143 veio acalmar os constantes desequilíbrios das culturas.

Durante este período a arquitectura religiosa dominou as paisagens, assim como os castelos e fortificações. Eram as necessidades da época, pois Portugal encontrava-se em guerras para manter e obter mais território às culturas que muito antes tinham invadido Portugal e queriam permanecer.

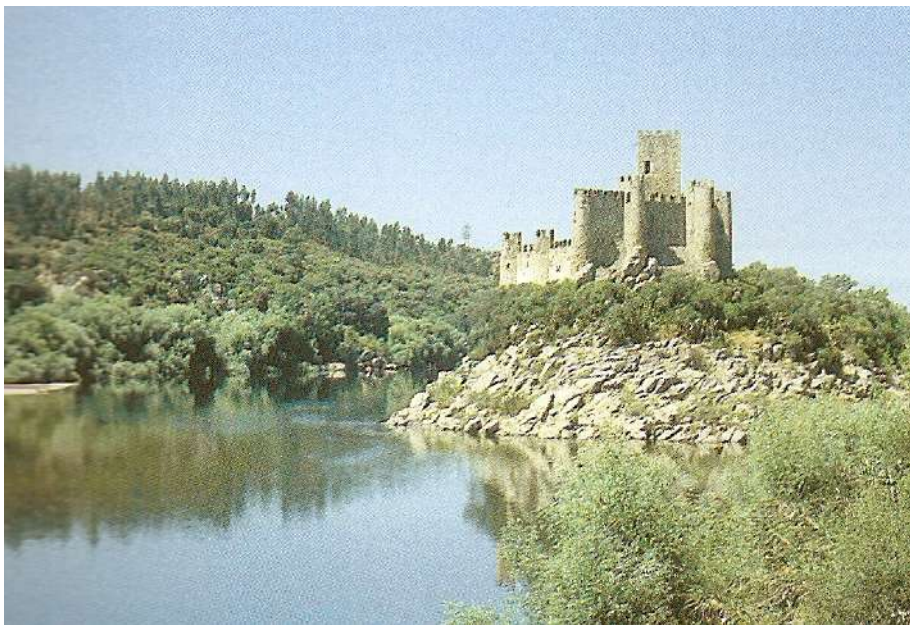


Figura 86: Portugal, Monsanto_ Castelo de Almourol

A arquitectura românica religiosa marcava a paisagem através de pequenas igrejas que dependendo da riqueza dos patronos ou recurso melhorava a exuberância formal decorativa. Começava-se a perceber na paisagem que existiam distinção de sociedades, os nobres e o povo estavam ligados a diferentes tipos de construção e materiais.

Portugal apesar de estar atrasado ao nível de inovações arquitectónicas e influências, atingia os movimentos arquitectónicos que se encontrava nos outros países. Com diferença, e com influências de outros países, surgiu na nossa paisagem construída, as igrejas pesadas, robustas quase como uma monásticas e rural do Norte da Europa que tinha uma arte episcopal e urbana.

Na relação com a envolvente, estes edifícios têm grande contraste a nível de escalas, logo a paisagem começa aqui a ter elementos de grande referência e que chega até nos

ainda como tal.

No século XV iniciam-se os descobrimentos e conquistas além-mar. Portugal atinge um auge como país independente marcando outras culturas.

Tem autonomia para intervir na paisagem segundo convicções próprias dos momentos que estava a ultrapassar.

A paisagem construída atingia uma liberdade e um pico de construção que nunca antes tinha sido presenciado.



Figura 87: Portugal, Lisboa_ Torre de Belém

Tal como os outros países, Portugal também quer mostrar o poder político que possui na altura a é através da arquitectura que demonstra esse poder. Assim numa paisagem com construções imponentes mas ao mesmo tempo esbeltas e decoradas com características do momento português como o Manuelino, o espectador entende que as formas do “quadro” que observa são um reflexo da cultura.

O observador interpreta o estado da cultura que retrata a motivação nas formas arquitectónicas construídas na paisagem.

No século XVI, o renascimento está presente nas paisagens portuguesas. As formas dos edifícios são mais racionalizadas, tornando-se mais pragmáticas em detrimento da sua

decoração.

Aqui para além da arquitectura religiosa e militar, a arquitectura civil também começa a destacar-se na paisagem.

Por razão do desenvolvimento, as paisagens ficam mais preenchidas com pormenores de relações de todas as histórias e influências.

Essa mesma evolução surge com novos monumentos artísticos que são uma consequência de introduções portuguesas nos movimentos que surgem do resto da Europa.

Como prolongamento do renascimento, o Manuelino vai caracterizar a nossa paisagem pela longevidade com que permanece. Apresenta uma imagem sombria e singular.

Voltando a arquitectura destacar-se na imagem da paisagem, os edifícios como as igrejas. Estamos perante épocas em Portugal que a religião e o poder político continuavam a dominar uma imagem de paisagem construída.

Na passagem construída os destaques dos elementos de referência eram quase sempre elementos como os palácios, castelos, fortalezas e igrejas.

Nos séculos XVII e XVIII, a paisagem construída vai transmitir tempos de esplendor na consequência das importações de ouro e diamante no Brasil. As construções adquirem ornamentos e luxos que antes não possuíam. O barroco espalhou-se por toda a paisagem portuguesa sendo considerada a Arte do Império, ultrapassando fronteiras que chegou ao Brasil e Índia.

O luxo dos solares, palácios, igrejas, do urbanismo que era realizado na altura, transbordou um cuidado e impotência que a paisagem vinha a aumentar na nossa cultura.

Com as mentalidades muito presas ao passado foi difícil introduzir na paisagem novas influências de novos movimentos artísticos, como o neoclassicismo no século XIX e poucas décadas depois o romantismo.

A expressão que marca estas épocas era o revivalismo historicista em que os pormenores tinham muita importância, devido às várias influências de vários movimentos.

No final desde século os engenheiros ganham projecção com os projectos da arquitectura do ferro, levando até à arte nova e art déco que tiveram pouca expressão na paisagem portuguesa.

Com o Estado Novo, Portugal encontrava-se perante uma situação política em que dominava as artes. Tanto ao nível da pintura, escultura, literatura, música e arquitectura

foram afectadas por uma época em que tudo era contratado, logo a palavra inovação não fazia parte do vocabulário para descrever a paisagem daquela altura.

A paisagem aqui tornava-se contida na medida em que o valorizado era responder às necessidades sempre com um carácter funcional sem qualquer liberdade de expressão ao nível das Artes.

No fim deste poder político e com a nova possibilidade de abertura ao exterior do país, todas as artes enriqueceram ao nível de qualidade e quantidade. Toda esta liberdade foi muito notória na paisagem construída que chega à actualidade no mesmo nível de importância e interesse como outra qualquer paisagem de outro país.

Temos consciência que tudo o que o país passou ao nível da política, economia e cultura reflectiu-se nas paisagens. Mas é com todos os passos positivos e negativos que faz a imagem de paisagem que somos na actualidade.

Resta às pessoas com importância e capacidade de transformar a paisagem como os arquitectos, de intervir de modo consciente para que o nosso presente se torne numa referência para o futuro da paisagem construída em Portugal.

11. CONCLUSÃO

11. CONCLUSÃO

Como referem Geoffrey and Susan Jellicoe em “The landscape of man”.

“O mundo move-se para uma fase, onde o desenho da paisagem poderá ser reconhecido como a mais compreensiva de todas as artes “

A paisagem construída urbana é um quadro vivo que recebe como fundo uma cidade e toda uma categoria de características que estão inerentes a essa mesma. A cultura, a história, sociedade, economia estão presentes e influenciam com uma grande importância toda a forma como a paisagem está representada.



Figura 88: Estados Unidos da América, Nova Iorque_ Paisagem

O Homem é um elemento que pertence a uma rede de “actores” que desempenham um papel importantíssimo da paisagem. Ele está presente no modo de construção e no modo de espectador que pode fazer parte integrante da imagem como cidadão, ou como espectador que se apresenta de passagem. Quando participa na sua construção, a paisagem é uma soma de muitas acções culturais e naturais observáveis, que se produzem num modo físico: edifícios, ruas, espaços verdes, praças, etc.

Numa forma de espelho a paisagem, foi-se alterando e renovando no tempo, fisicamente e culturalmente como acompanhamento do Homem e seus métodos de vida, o que faz com que a paisagem se torne num elemento “vivo” e composto pelo infinito e que jamais estará terminado.

Num início marcado e num fim inatingível, a paisagem teve uma acção do Homem que alterou o nunca antes explorado no passado, e que no futuro irá ter uma renovação de objectivos e por consequência de formas na imagem, porque é na alteração, ocupação e criação que existe novos corpos de paisagem construída, que fazem parte do presente vivido que tomam rumos num princípio natural e que depois chega a fins propostos através de intenções e gestos da civilização.

Não é apenas um amontoar de objectos, mas sim uma janela que é preenchida por memórias e preocupações visuais e estéticas que pretendem marcar um presente forte e positivo para mais tarde ser recordado num futuro longínquo onde o observador pode testemunhar tais fins propostos.

Paisagem – observador e observador – paisagem é uma relação indissociável, não existe um sem o outro, é preciso existir uma paisagem para o acto de visualizar de alguém e é preciso um observador para que a paisagem seja visualizada.

Nesta relação a paisagem é vista como algo físico e o observador e como algo que vive de emoções e sensações que variam, tornando o acto de observar em algo que depende de espectador para espectador, já que cada pessoa tem uma maneira muito pessoal de encarar e interpretar o que visualiza.

A parte física de uma paisagem construída é um conjunto moldado através de vários elementos que a compõem, como os edifícios, ruas, árvores, pessoas, e é através deste acto activo e forte que é possível a interpretação de uma cidade em três dimensões.

Aqui a arquitectura tem um papel primordial no acto de observar e analisar para chegar a uma leitura e interpretação de uma cidade em que a sua paisagem vai ser desenhada pela riqueza de formas, materiais, estruturas e composição de cores numa complementação da cultura e fins pretendidos.

Na sua intervenção na paisagem, a arquitectura, não é só uma arte ou técnica de projectar e edificar o ambiente do Homem, mas sim o elemento que traduz em tudo um sentido, uma maneira de estar, que vai ser interpretado de uma relação e comparação com outros “objectos” da mesma natureza.

O estereótipo de uma paisagem construída, é imediatamente figurado mentalmente e composto por diferentes e imensos edifícios que desempenham uma massa compacta e rígida que adquire variadíssimas escalas e funções. De uma certa maneira, a paisagem traduz-se nessa mesma imagem, mas que nunca se repete de cidade para cidade, porque cada localidade tem um diálogo muito próprio de se expressar através de uma escrita em que as suas letras são os edifícios.

O observador vai ler a paisagem retirando e memorizando a imagem de uma determinada época e história tão específicos daquele local.

É com a relação dos vários elementos que compõem a paisagem que esta enriquece, porque são as diferenças, igualdades, contrastes que dão o significado e essência tão particular e caracterizador da cidade em questão.

A arquitectura é um dos elementos construídos pelo Homem que compõe a paisagem com maior destaque, assim como a luz encara um papel de interveniente natural e artificial ao mesmo tempo.

A luz vai compor e retratar a paisagem que chega até nós, porque tem a capacidade de transformar a mesma paisagem em vários rostos em que o observador é capaz de interpretar de imensas maneiras.

Obviamente é impossível falar de paisagem sem que a arquitectura e a luz não sejam mencionadas como actores principais e primordiais na peça viva de teatro que chega até nós como uma imagem que reflecte a acção do Homem. Estes dois elementos informam ao observador as particularidades e as outras características necessárias para um entendimento. Daí ser tão importante entender estes elementos no estudo deste tema.

Leonel Fadigas diz em “ Fundamentos Ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem”:

“As paisagens não são estáticas nem imutáveis. Mesmo quando quem as vive e sente de perto, e muito intensamente, isso pareça verdade. A cada momento histórico, a cada fase da evolução social das sociedades humanas, corresponde um padrão de uso de território, traduzido numa forma de paisagem. A relação afectiva que é possível estabelecer com as paisagens, e o seu significado identitário, são tanto uma marca cultural como uma referência para o ordenamento territorial. As paisagens evoluem e transformam-se ao mesmo tempo que as comunidades humanas.”

É uma imagem muito particular a cada cidade e que jamais estará terminada no futuro, porque o Homem terá sempre objectivos diferentes na sua relação que mantém com a envolvente próxima.

Assim, a paisagem construída é uma acção que o Homem realiza numa interacção de meios naturais e culturais, que aos olhos do observador tem a capacidade de transferir uma imagem evolutiva e distinta no estudo da cidade e que transmite sensações, características particulares dessa mesma área.

Perceber que a imagem é uma complexidade de realidades comuns a uma sociedade, torna a acção do observador num capítulo contínuo de surpresas. Este nunca poderá afirmar que tudo o que observa é apenas um texto escrito com acções sem qualquer significado, mas pelo contrário, poderá afirmar que no mundo das paisagens, o significado provem de uma base que evolui tal como aquele que o pratica.

Estudar a paisagem construída é estudar um vasto campo de interacções, onde a relação Homem e a Natureza não conhece fins.

12. LISTA DE FIGURAS

12. LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Croácia, Plitvice _ Paisagem Natural
- Figura 2- Reino Unido, Stonehenge _ Estrutura Megalítica
- Figura 3- Egípto, Pirâmides de Quéops _ Paisagem Antiga
- Figura 4- Grécia, Atenas, Acrópole _ Paisagem Antiga Grega
- Figura 5- Grécia, Atenas _ Acrópole
- Figura 6- Espanha, Barcelona _ Paisagem da Idade Média
- Figura 7- França, Marselha _ Unidades de habitação
- Figura 8- Espanha, Barcelona _ Paisagem construída da cidade
- Figura 9- Escócia, Edimburgo _ Paisagem construída da cidade
- Figura 10- Holanda, Roterdão _ Paisagem construída da cidade
- Figura 11- Estados Unidos da América, Nova Iorque _ Paisagem construída urbana
- Figura 12- China, Pequim _ Paisagem construída da cidade
- Figura 13- Reino Unido, Londres _ Paisagem construída da cidade
- Figura 14- Reino Unido, Oxford _ Paisagem construída da cidade
- Figura 15- Bélgica, Bruxelas _ Paisagem construída da cidade
- Figura 16- Reino Unido, Londres _ Paisagem construída urbana
- Figura 17- Espanha, Barcelona _ Paisagem construída urbana
- Figura 18- Estados Unidos da América, Nova Iorque _ Paisagem construída urbana
- Figura 19 Estados Unidos da América, Nova Iorque _ Paisagem construída urbana
- Figura 20- Holanda, Amesterdão _ Paisagem construída urbana
- Figura 21- Reino Unido, Bath _ Paisagem construída urbana
- Figura 22- Grécia, Rhodes _ Paisagem construída urbana
- Figura 23- Estados Unidos da América _ Cidade
- Figura 24- Holanda, Amesterdão _ Cidade
- Figura 25- Estados Unidos da América, Nova Iorque _ Cidade
- Figura 26- Reino Unido, Londres _ Cidade
- Figura 27- Croácia, Dubrovnik _ Cidade
- Figura 28- Holanda, Amesterdão _ Cidade
- Figura 29- Reino Unido, Londres _ Cidade
- Figura 30- Espanha, Barcelona _ Cidade

- Figura 31- Escócia, Edimburgo _ Edifícios
- Figura 32- Reino Unido, Oxford _ Edifícios
- Figura 33- Croácia, Pula _ Edifícios
- Figura 34- Estados Unidos da América _ Conjunto de edifícios
- Figura 35- Escócia, Glasgow _ Cidade
- Figura 36- Reino Unido, Oxford _ Cidade
- Figura 37- Reino Unido, Londres _ Cidade
- Figura 38- Espanha, Barcelona _ Cidade e pontos de referência
- Figura 39- Escandinávia, Bergen _ Cidade e pontos de referência
- Figura 40- Reino Unido, Londres _ Cidade e pontos de referência
- Figura 41- China, Muralha _ Pontos de referência
- Figura 42- Bélgica, Bruxelas _ Cidade e pontos de referência
- Figura 43- Holanda, Amesterdão _ Cidade e pontos de referência
- Figura 44- Grécia, Atenas _ Relação entre elementos
- Figura 45- Croácia, Dubrovnik _ Relação entre elementos
- Figura 46- Reino Unido, Londres _ Luz na paisagem
- Figura 47- Estados Unidos da América, Nova Iorque_ Luz na Paisagem
- Figura 48- Holanda, Amesterdão _ Luz na paisagem diurna
- Figura 49- Holanda, Amesterdão _ Luz na Paisagem noturna
- Figura 51- Espanha, Barcelona _ Paisagem
- Figura 52- Escócia, Loch Ness _ Paisagem
- Figura 53- Croácia, Dubrovnik _ Paisagem
- Figura 54- Bélgica, Bruxelas _ Paisagem Fechada
- Figura 55- Holanda, Amesterdão _ Paisagem semiaberta
- Figura 56- Itália, Milão_ Paisagem aberta
- Figura 57- Holanda, Amesterdão _ Visão lateral
- Figura 58- China, Beijing and Xian Octobe _ Visão Lenta e aberta
- Figura 59- Grécia, Rhodes_ Visão rápida em movimento
- Figura 60- Reino Unido, Bath _ Visão Imensa
- Figura 61- Croácia, Dubrovnik _ Visão Panorâmica
- Figura 62- Grécia, Rhodes _ Paisagem
- Figura 63- Espanha, Barcelona _ Plano Próximo

- Figura 64- Espanha, Barcelona _ Plano Intermédio
- Figura 65- Espanha, Barcelona _ Plano de fundo
- Figura 66- Reino Unido, Bath _ Linhas
- Figura 67- Reino Unido, Bath _ Superfícies
- Figura 68- Holanda, Amesterdão _ Transparências
- Figura 69- Reino Unido, Londres _ Pontos singulares
- Figura 70- Escócia, Edimburgo _ Topografia
- Figura 71- Estados Unidos da América _ Matérias cores e sombras
- Figura 72- Porto Marítimo _ Paisagem Portuária
- Figura 73- Porto Marítimo _ Paisagem portuária
- Figura 74- Porto Marítimo _ Linhas
- Figura 75- Porto Marítimo _ Superfícies
- Figura 76- Porto Marítimo _ Ponto singulares, matérias cores e sombras
- Figura 77- Porto Marítimo _ Paisagem portuária
- Figura 78- Indústria _ Paisagem industrial
- Figura 79- Indústria _ Paisagem industrial
- Figura 80- Indústria _ Paisagem industrial
- Figura 81- Reino Unido, Londres _ Paisagem de infra-estruturas
- Figura 82- Holanda, Roterdão _ Paisagem de infra-estruturas
- Figura 83- Holanda, Roterdão _ Paisagem de infra-estruturas
- Figura 84- Portugal, Reguengo de Monsaraz _ Cromeleque de Xarez
- Figura 85- Portugal, Conímbriga_ ruínas de um templo
- Figura 86- Portugal, Monsanto _ Castelo de Almourol
- Figura 87- Portugal, Lisboa _ Torre de Belém
- Figura 88- Estados Unidos da América, Nova Iorque _ Paisagem construída

12. BIBLIOGRAFIA

12. BIBLIOGRAFIA

- ALLAIN, Remy, 2004. *Morphologie urbaine, Géographie, aménagement et architecture de la ville*. Paris, Armand Collin, collection U;
- BARBER, Stephen ,2006. *Cidades projectadas, cine y espacio urbano*. Barcelona, Editorial Gustavo Gil;
- BACON, Edmund, 1995. *Design of cities*. Londres, Thames and Hudson;
- CORNER, James, 2003. *Landscape urbanism, a manual for the machic landscape* Espanha,. Architectural Association;
- CONSELHO DOS ARQUITECTOS DA EUROPA, 1995. *A Europa e a Arquitectura amanhã*. Bruxelas, Livro branco;
- CHOAY, Françoise, 2005. *O urbanismo, utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo, Perspectiva;
- COLLOT, Michel, 1997. *Les enjeux du paysage*. França, Edições ousia ;
- CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM, 2000. Transcrita para o direito português pelo o Decreto lei nº 4/2005 de 14 de Fevereiro;
- CULLEN , Gordon, 1971. *Paisagem urbana*. Lisboa, Edições 70;
- DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA (1990?). Empresa literária fluminense
- DICIOPÉDIA, 2008. Porto editora
- FADIGAS, Leonel 2007. *Fundamentos ambientais do ordenamento do território e da paisagem*. Lisboa, Edições Sílabo;

- GREGOTTI, Vittorio, 2004. *Território da arquitectura*. São Paulo, Perspectiva;
- JELLICOE, Geoffrey and Susan, 1995: *The landscape of man, shaping the environment from prehistory to the present.* , Londres, Thames & Hundson;
- LYNCH, Kevin 2003. *Imagem da cidade*. Lisboa, **Edições 70**;
- LYNCH, Kevin, 2007. *A boa forma da cidade*. Lisboa, Edições 70;
- MAGALHÃES, Manuela Raposo, 2001. *A arquitectura paisagista, morfologia e complexidade territorial*. Lisboa, Editorial Estampa;
- MORALES, Ignasi Sola, 2002. *Território*. Barcelona, Editorial Gustavo Gil;
- POULLAOUCEC Philipe, et al. 2003. *Les temps du paisysage*. Montreal. Paramètres ;
- RECKERT, Stephen, 1989. *O imaginário da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;
- RELPH, Edward, 2002. *A paisagem urbana moderna*. Arquitectura & urbanismo. Lisboa, Edições 70;
- ROSSI, Aldo, 2001. *A arquitectura da cidade*. Lisboa, Edições cosmos;
- SEIDLER, Harry, 2007: *The grand tour, volta ao mundo pelos olhos de uma arquitecto*. Lisboa, Taschen;
- TÁVORA, Fernando, 1999: *Da organização do espaço*. Porto, FAUP publicações;
- UNIVERSIDADE LUSÍADA, 2004: *Sebentas de arquitectura, a luz*. Lisboa, Universidade Lusíada editora;

- ZEVI, Bruno, 2002: *Saber ver a arquitectura*. São Paulo, Martins Fontes.

